

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Ana Beatriz Balieiro Abrahão

**UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL SOBRE OS SENTIDOS DO
SUICÍDIO**

SÃO PAULO

2019

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Ana Beatriz Balieiro Abrahão

**UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL SOBRE OS SENTIDOS DO
SUICÍDIO**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Pontifícia
Universidade Católica como
exigência parcial para graduação no
curso de Psicologia.

Orientador: Marcos Orestes Colpo.

**SÃO PAULO
2019**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Pontifícia pela calorosa recepção lá em 2014. Aos corredores do prédio velho, às escadas do pátio da cruz, às árvores da entrada da Monte Alegre e até às pombas que se fazem presentes em absolutamente todos os lugares, mesmo sem serem convidadas.

Aos anos por terem passado, até que devagar, e me deixado aproveitar. Também aos encontros que esse lugar me propiciou e as pessoas com quem pude trocar.

Agradeço por ter me aproximado mais da pessoa que eu quero ser e que, muitas vezes, já sou.

Eu te agradeço Pontifícia por ter me colocado em contato com a minha existência e com a minha maneira de pensar, além de ter me feito enxergar outras maneiras de ser, outras formas de existir. Também agradeço por ter sido capaz de reconhecer meus desejos, meus limites e a minha forma de ver o mundo.

Sou grata às professoras com quem tive o prazer de aprender e mesmo àquelas que não pareceram fazer tanto sentido no momento. Pela possibilidade de crescer, de aprender, de me mobilizar e de me emocionar. Eu agradeço à Psicologia por me tornar sensível. Me fazer entrar em contato com a realidade do mundo e com o que nos espera lá fora, com toda a complexidade e os desafios que isso abarca.

Por me mostrar que são os momentos de muita apreensão que nos fazem repensar, realinhar, rever e deslocar o que antes parecia certo e relevante. Pelos tropeços e caídas que acabaram por me proporcionar um tanto de aprendizados.

Eu agradeço à minha família pela possibilidade de estudar e pela oportunidade de escolher o meu futuro, bem como pela torcida plena e apoio constante! Aos meus amigos, parte fundamental dessa caminhada, pelos bons momentos e vibrações que me formam e me engrandecem.

Aos meus orientadores da monografia da ESPM-SP, Paola Mazzilli e Walfredo Campos, com quem tive o prazer de me dedicar ao que me sensibilizava, além de aprender a trabalhar academicamente. Sou muito grata por essa etapa da minha vida.

À minha orientadora do primeiro semestre de TCC, Márcia Batista, que me auxiliou a entender alguns dos caminhos pelos quais eu gostaria de percorrer.

Ao meu orientador Marcos Colpo que foi disponível e muito disposto. Capaz de entrar no mundo que é meu e entender a maneira como eu vejo o sentido do fenômeno, para poder me orientar. Foi capaz de acolher meu projeto e elaborar comigo, com muita sensibilidade, o que caminhava para o meu entendimento.

Ao professor Marcelo Sodelli que assumiu o parecer deste trabalho, legitimando a importância dele em minha graduação e a minha dedicação à este.

Finalmente, agradeço pela possibilidade de conduzir minha formação na direção do que parece ser coerente e adequado às expectativas que em mim habitam.

RESUMO

UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL SOBRE OS SENTIDOS DO SUICÍDIO

Ana Beatriz Balieiro Abrahão

Orientador: Marcos Colpo

2019

Os objetivos do presente trabalho incluem desconstruir alguns dos pré-julgamentos relacionados ao suicídio (culpabilização, conceito de correção, regeneração, a moral vigente tida como verdade indiscutível ao suicídio), bem como conceder abertura para aquilo que o profissional de Psicologia é convocado a compreender. Isto será realizado a partir de um ensaio teórico reflexivo destinado a desvelar os sentidos do suicídio na história do pensamento Ocidental, contextualizando a temática do suicídio às estatísticas existentes, à uma breve retomada histórica, as perspectivas de sentidos atreladas às culturas. A explicitação de possibilidades de sentidos acerca do suicídio, é realizada com base na abordagem Fenomenológica Existencial, e leva em consideração o suicídio enquanto possibilidade autêntica do ser-aí.

Palavras-chave: suicídio; fenomenologia existencial; sentido; morte; prevenção.

SUMÁRIO

1.	Introdução	6
2.	Metodologia	11
3.	Capítulo 1. A morte e o morrer	14
4.	Capítulo 2. Compreensões gerais do suicídio	22
	2.1 Historicidade e Estatísticas	22
	2.2 Suicídio e Devoção: faces religiosas do fenômeno	27
	2.3 Contexto Pós-moderno	29
	2.4 Marcas da Prevenção	33
	2.5 Apresentações do fenômeno	32
5.	Capítulo 3. Possíveis sentidos para o suicídio	37
6.	Capítulo 4. Suicídio e Sentido de vida	46
	4.1 Possibilidade para sedimentar posicionamento	49
	4.1.1 Sócrates	49
	4.1.2 Jesus Cristo	52
	4.1.3 Mulher/Homem bomba	52
	4.2 Opção pela morte em vista da Ausência de sentido	54
7.	Considerações finais	60
8.	Referências	63
	8.1 Livros	63
	8.2 Artigos	64
	8.3 Teses	65
	8.4 Aulas	65
	8.5 Sites	65
9.	Anexos	67
	9.1 Tabelas	67

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso procurará refletir, de maneira crítica, sobre o fenômeno do suicídio e quais elementos o circundam, em quais contextos está inserido, concepções variadas acerca das diferentes realidades psíquicas, a introdução do suicídio em um rol não patologizante e a construção desse cenário, levando em consideração as inúmeras singularidades, de que cada indivíduo dispõe em suas inúmeras esferas de *ser*.

A discussão deve ser iniciada, procurando contemplar algumas possibilidades e pontos de vistas sobre a morte e o morrer, justamente porque no entendimento aqui proposto, fazer este caminho, conecta os fenômenos morte e suicídio de maneira clara, para que o suicídio possa ser compreendido, já baseado em algumas ponderações sobre o fim da vida.

Além disso, propõe-se também, que o olhar seja desviado para a compreensão do por quê do fenômeno suicídio contrariar a norma imposta pela sociedade moderna, na qual, deve-se estar sempre bem, saudável e feliz - independente do que isso possa custar, “procedimentos corretivos, a fim de se alcançar o estado de saúde, de normalidade e de adaptabilidade” (FEIJOO, 2018, p.112) são sempre aceitáveis.

O manejo do suicídio como pecado também será delineado neste trabalho, uma vez ser evidente que houve, ao longo dos anos, uma construção acerca dessa teoria, que dissemina a ideia, de que o desejo de querer pôr fim à própria vida, torne-se um ato completamente repudiado e julgado.

Apesar das inúmeras tentativas de encobrimento e do silêncio ser escolhido quase que sempre como a melhor forma de (não) dialogar sobre isso, desde 2004, a Organização Mundial da Saúde (OMS) colocou o suicídio como um dos problemas prioritários da área da Saúde Mental (FEIJOO, 2018, p.129). Desde então, houve um aumento expressivo no número de publicações acadêmicas acerca desse fenômeno, bem como pesquisas, reportagens e livros a respeito. Ainda que os tempos atuais sejam marcados por forte interesse pelo fenômeno, é evidente a enorme interdição na veiculação de dados e debates que falem sobre o assunto. A ideia que fundamenta esse pensamento é a mesma de antes: quanto mais se falar, mais suicídios serão efetivados, ou seja, menos se poderá “evitar” seu aparecimento - tendo o termo ‘EVITAR’ como mostra da “apreensão do fenômeno do suicídio como uma desordem a ser impedida de se apresentar” (FEIJOO, 2018, p.154).

Por trás dessa lógica, o objetivo da OMS ao declarar o suicídio como um problema prioritário da área de Saúde Mental é querer chamar atenção para um fenômeno que, ainda que sem resposta, exige do campo da saúde e de seus profissionais algumas descobertas, justamente por ser uma questão pouco discutida, estudada e portanto, tida como misteriosa.

Esta fantasia corresponde muito efetivamente a algumas exigências neoliberais da pós-modernidade, como a própria produtividade e autonomia, que fazem com que as pessoas tenham a sensação, de que não há tempo para sofrimento e de que, se elas estão “assim” é única e exclusivamente por ‘culpa’ delas, “... e na tentativa de adaptar e adequar o indivíduo à cadência do mundo, (essa tendência) apoia e legitima que cabe exclusivamente ao cidadão o sucesso ou fracasso de seus projetos existenciais, fortalecendo assim uma moral excludente” (FEIJOO, 2018, p.133). Aos poucos é possível perceber que, de alguma maneira, as realidades de uma sociedade estão completamente interligadas aos seus valores e ideais, mesmo que em um plano não tão esclarecido.

Na maneira como o mundo se configura hoje, há um enaltecimento e predomínio da vitalidade, alegria e da satisfação. Por este e outros motivos, o suicídio é, usualmente, considerado algo a ser evitado, controlado, combatido, a partir das mais diferentes “estratégias de tratamento, prevenção e cura” (FEIJOO, 2018, p.106).

Grande parte dos materiais e conteúdos disponíveis na literatura, que abordam o fenômeno do suicídio, demonstram relativa inaptidão em discutir a questão, tematizando, concomitantemente, os pressupostos como sofrimento, prevenção, desespero, loucura.

Ainda que não seja a proposta de comprovar a, muitas vezes, inapropriada conexão destes temas com o suicídio, faz parte dos objetivos deste trabalho procurar compreender, como que essa lógica patologizante foi ao longo do tempo abarcando tudo o que era produzido sobre a questão.

Ainda que a morte seja um destino inevitável para todos que nos conhecemos enquanto seres humanos, ou seja, uma mesma realidade, ninguém pode ser substituído na “tarefa de experimentar por si mesmo o morrer, que é seu” (FEIJOO, 2018, p.32), ou seja, por mais que a palavra suicídio abarque todas as diversas manifestações da decisão de morrer como e quando quiser, é um fenômeno que se apresenta nas mais diversas determinações e configurações sociais, políticas, culturais, religiosas e pessoais.

É uma manifestação da mais pura individualidade. O que não significa, necessariamente, que nós não possamos acessar de maneira alguma. Mas sim que, ao respeitar os limites das estatísticas e da literatura existente, não procurando contemplar tudo que o suicídio pode ser em uma dissertação, é possível realizar uma hermenêutica relevante sobre algumas das diferentes apresentações dessa prática, “o fenômeno do suicídio sustenta uma incontornabilidade, e quando tentamos dar-lhe contornos, o fenômeno se retrai e, então, não podemos mais ver o como do acontecer do fenômeno de dar fim à vida” (FEIJOO, 2018, p.85).

Além disso, por se tratar de algo que fala sobre a intimidade humana em seu existir mais profundo, é claro que quaisquer teorizações e relações estabelecidas, na tentativa de observar singularidades e semelhanças de algumas experiências, não são suficientes para que esses acontecimentos sejam contemplados integralmente.

Portanto, a proposta do trabalho também está na possibilidade de compreender algumas particularidades do fenômeno, que possam auxiliar em uma intervenção terapêutica, que tenha como objetivo o cuidado, no sentido de trabalhar com o paciente o ato de fazer escolhas autênticas (FEIJOO, 2018, p.92) e que façam sentido dentro de suas vivências.

O que vai na contramão do que é, muitas vezes, a reação das pessoas, de imediatamente julgar e reprovar decisões que reconheçam o suicídio como uma opção dentro do horizonte de possibilidades de uma pessoa. Essencial assinalar que esse fascínio promovido em torno desta discussão pode se originar pelo fato de que este fenômeno expressa o “contraditório em relação a um dos valores provavelmente mais difundidos, o da apologia e proteção à vida?” (FEIJOO, 2018, p.19).

Este trabalho pretende, portanto, desconstruir alguns dos pré-julgamentos relacionados ao suicídio e procurar conceder abertura para tudo aquilo que o profissional da psicologia é convocado a compreender (FEIJOO, 2018, p.37), busca um olhar para o suicídio que não corresponda aos elementos centrais da tão “normalizada” culpabilização (FEIJOO, 2018, p.147).

Esta pretensão torna-se possível tendo em vista a saída das “esferas de mensuração, previsão e explicação” (FEIJOO, 2018, p.133) que corroboram com a maneira como são produzidos a maioria dos estudos e pesquisas nos dias de hoje, já que a relação de causalidade parece ter sido descoberta como a solução para quaisquer enigmas que possam assombrar essa vivência (FEIJOO, 2018, p.86).

As perguntas a serem respondidas são, portanto, frente a uma tentativa de suicídio: por que a prevenção não é a única escolha? O suicídio é um direito? E também, existe alguma constante no suicídio?

Não está na pretensão deste trabalho esgotar todas as respostas a estas perguntas, mas sim, procurar elaborar o que há na literatura relacionado ao suicídio e à abordagem Fenomenológica Existencial, e como esses conteúdos contribuem para a construção de um entendimento atual e, ao mesmo tempo, contextualizado sobre a ocorrência do suicídio.

A busca pelo descobrimento do fenômeno para além do que já existe de pré concebido a respeito, estará conectada à abordagem psicológica Fenomenologia Existencial e terá o tempo como “horizonte de compreensão do ser pelo ser-o-ai” (GIACOIA, 2013, p.68).

Além disso, há também como objetivo um olhar não moralizado¹ acerca do suicídio, de maneira a procurar não reproduzir a moral vigente, nem mesmo a naturalização do que já se tem como verdade inata a respeito do tema (FEIJOO, 2018, p.30). Por fim, o trabalho aqui proposto tem como objetivo procurar se desvencilhar dos conceitos de “correção e regeneração” ligados ao suicídios, como se fossem, necessária e obrigatoriamente, interdependentes.

No primeiro capítulo serão abordados alguns entendimentos a respeito da morte, no segundo capítulo será realizada uma contextualização a respeito da temática do suicídio, estatísticas, breve retomada histórica e algumas diferenças nas legislações de alguns países. No terceiro capítulo será efetuada uma reflexão sobre o suicídio enquanto possibilidade de escolha do *Dasein* e no quarto capítulo, considerações sobre o suicídio e o sentido da vida, levando em conta que o ser-aí é um ser de sentido com projeto de ser, no qual será realizada uma ponderação sobre aspectos de um suicídio, que tem como objetivo a sedimentação de um posicionamento ou aquele em que a morte prevalece na ausência de outros sentidos.

Seria possível, então, articular um modo de pensar o suicídio sem as noções de causalidade e prevenção? É possível resguardar uma posição não moralizante para poder sustentar uma atuação, em que o modo de estar junto ao outro

¹ Foucault (1984), dando continuidade à noção de moral discutida por Nietzsche, defende que moral é um termo que traduz ambiguidade e que pode desencadear uma atitude de submissão ou de resistência por parte do indivíduo (FEIJOO, 2018, p.111).

resgare a relação em um acolhimento atento e não tutelar e/ou controlador? Como poder sair das noções moralizantes, de não buscar um perfil do suicida e não adotar posturas preventivas sem sermos acusados de indiferentes e de estarmos fazendo uma apologia ao suicídio? (FEIJOO, 2018, p.101)

METODOLOGIA

Trata-se de um ensaio teórico reflexivo que procurará desvelar os sentidos do suicídio na história do pensamento ocidental. Claro que não há a pretensão de esgotar, nem seria possível tal empenho. Procuraremos abordar esse tema tabu, pois ele se encontra associado a preceitos morais, legais e religiosos importantes, pelo menos na cultura ocidental. Este tema ficou por muito tempo à margem dos estudos acadêmicos e até mesmo de narrativas sobre o assunto.

Atualmente o suicídio tem sido explorado pela mídia nos seus diferentes veículos, devido à sua incidência principalmente na velhice² e na juventude³ motivado por diferentes sentidos. As artes cinematográficas, como a literatura, têm dedicado enredos e contextos, em que a opção pelo suicídio aparece com relativa frequência. Deste modo, decidiu-se, para este presente trabalho, fazer uso de alguns destes recursos para desvelar possíveis sentidos para essa escolha.

Sob o ponto de vista da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger (1889-1976) apresentada na sua ontologia fundamental *Ser e tempo* (1927), encontramos os recursos metodológicos para estudar esse fenômeno. Heidegger dedica-se na sua ontologia ao 'sentido do ser', sentido aqui, que deve ser pensado como aquilo que embasa o horizonte de nossas ações, escolhas e também dos nossos sintomas e até mesmo do mundo onírico. Segundo Heidegger: "Sentido é o contexto, no qual se mantém a possibilidade de compreensão de alguma coisa, sem que ele seja explicitado ou, tematicamente visualizado" (HEIDEGGER, 2009, p.408).

Além disso, coloca-se em debate, inclusive, os sentidos que sustentam essa escolha como condição da existência humana. Justamente porque o ser-aí⁴ é um ente que se encontra alocado no mundo enredado em contextos de significação e sentido, o suicídio pode configurar uma possibilidade de escolha. Frequentemente o suicídio é associado à perda do sentido da vida, perda de um projeto para existência do ser-aí, e não é sem propósito que a incidência do suicídio em idosos

² <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/29691-taxa-de-suicidio-e-maior-em-idosos-com-mais-de-70-anos> - acessado em 03/05/2019

³ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513> - acessado em 03/05/2019

⁴ O termo ser-aí, tradução usual de *Dasein*, foi um termo utilizado por Heidegger para realizar uma quebra paradigmática em relação a compreensão do homem pelo pensamento metafísico, ou seja, do homem como animal racional em Aristóteles, ou o homem como sujeito em Descartes entre outras acepções. A expressão *Dasein* (ser-aí) tem o propósito de ressaltar a correspondência de uma unidade entre 'ser e o homem', ou seja, é ao homem que o ser se dá.

longevos seja grande, como mencionado acima. Mas o suicídio pode atender a outros sentidos, por exemplo, um ato heroico expõe uma pessoa à morte, podendo atender a outros sentidos que se deseja preservar. Para essa discussão serão trazidos exemplos, cujas mortes estabeleceram-se na História de acordo com tal perspectiva nobre.

Importante pontuar, que quando se fala em sentido, precisamos diferenciá-lo de significado, pois este cumpre a tal proveniência formal, tal como encontramos nos dicionários: mesa, cadeira, liberdade, amor, suicídio. O âmbito do sentido se dá por meio da análise do contexto, em que algo se dá.

Nesse caso, pensar o sentido do suicídio é pensar sobre aquilo que possibilita, sobre aquilo que realiza um projeto existencial (motivo), mesmo que ele na maioria da vezes como observou Heidegger, não se mostre tematizado ou visível. Não entendê-lo de forma isolada. Nesse sentido, faz-se necessário o processo hermenêutico, o ofício de interpretação e compreensão de um dado fenômeno.

Pode-se afirmar que este trabalho é uma ‘analítica do sentido’ que se debruça sobre o fenômeno do suicídio. Em termos fenomenológicos pode-se dizer, que se trata de uma *fenomenologia hermenêutica*, aproximada por Martin Heidegger (1889-1976) na sua ontologia fundamental *Ser e tempo* (1927). Nessa ontologia, Heidegger dedica o parágrafo sétimo para refletir sobre o método de investigação fenomenológico, procurando entender o sentido das palavras fenômeno + logos, termos que uma vez refletidos na sua etimologia e essências, podem nos levar à compreensão do método.

Heidegger (2009); observa: “Fenomenologia da presença (ser-aí) é hermenêutica no sentido originário da palavra em que se designa o ofício de interpretar. Desvelando-se o sentido de ser e as estruturas fundamentais da presença em geral, abre-se o horizonte para qualquer investigação” (p.77).

A citação do pensador enfatiza o método como um processo hermenêutico, cujo horizonte é revelar o sentido do ser. Sentido (Sinn = rumo, direção do existir), sabe-se que o estudo da significação na linguística aborda dois campos semânticos: o significado e o sentido.

O significado refere-se à palavra no seu conteúdo formal, tal como a encontramos nos dicionários, mas o sentido empregado naquela palavra ou naquele conjunto de palavras, deve ser acessado levando-se em consideração vários indicativos: quem disse, como disse, em que momento disse e qual o seu possível propósito. Segundo ainda Heidegger (2009):

De acordo com a análise, sentido é o contexto, no qual se mantém a possibilidade de compreender alguma coisa, sem que ele mesmo seja explicitado ou, tematicamente visualizado. Sentido significa a perspectiva do projeto primordial, a partir do qual, alguma coisa pode ser concebida em sua possibilidade como aquilo que ela é (p.408).

O método fenomenológico em Heidegger realiza-se como um processo hermenêutico, cujo empenho consiste em investigar qualquer fenômeno, sem a pretensão de esgotar, pois o sentido é polissêmico, realiza o campo da liberdade humana e com relação ao fenômeno da vida não há nada que possa ser considerado definitivo (FEIJOO, 2018, p.33). Um dos caminhos para um entendimento mais esclarecedor desse assunto é colocar em questão as bases do nosso próprio pensamento e modo de compreensão no que se refere ao fenômeno do suicídio e não necessariamente buscar respostas e/ou explicações, já que esse seria um posicionamento mais conectado à ciência natural que “parte de pressupostos que se antecipam à mostraçãõ do próprio fenômeno”, do fenômeno em si. (FEIJOO, 2018, p.134)

Nesse sentido, a hermenêutica diz respeito à compreensão de que as verdades são historicamente constituídas, aparecendo nas expressões singulares. O que se pretende também em uma postura fenomenológica - hermenêutica é destruir o caráter atemporal com que as determinações são tomadas, para deixar que tais expressões possam aparecer em um campo de mobilização de sentidos e, assim, o individual e o universal possam ser apreendidos sem a abolição de um dos termos (FEIJOO, 2018, p.97).

Além disso, é necessário assinalar neste trabalho parte de uma perspectiva que considera, mas não centraliza o fato, de que o ato de pôr fim à vida apresenta diversas faces, caracterizadas por diferentes cores, que foram revestindo a compreensão desse fenômeno em épocas anteriores e que, de alguma maneira, se mantém até os dias atuais (FEIJOO, 2018, p.14). Neste sentido, “é preciso recuar frente àquilo que é dado pelo mundo como verdade absoluta, isto é, suspender (Husserl, 1973) ou destruir (Heidegger, 1927/1998) as verdades estabelecidas como absolutas e incontestáveis” (FEIJOO, 2018, p.71).

1 A MORTE E O MORRER

Este capítulo é concebido com a proposta de delinear alguns entendimentos acerca dos fenômenos da morte e do morrer. Isso porque a maioria das abordagens do fenômeno do suicídio acaba sempre por tramitar pelo espaço da morte. Não apenas com a compreensão de um ser parte do outro, mas sim, com a possibilidade de entender elementos comuns aos dois. Importante pontuar que a temática da morte é abordada também porque só pode se discutir “do que seja o suicídio caso já tenhamos alguma concepção ou opinião sobre a morte e o morrer” (FEIJOO, 2018, p.25).

Falar de morte em um trabalho que pretende delinear algumas compreensões acerca do suicídio faz sentido, porque questiona o significado do ‘não mais existir’.

Tanto é que o modo como o ser-aí se coloca diante da morte é impróprio, distanciado (objetivado). Como disse Guimarães Rosa em “Grande Sertão e Veredas: A morte é para os que morrem” (1956). Será? Nesse sentido a morte nunca é aproximada de como eu vou morrer a minha morte (finitude). Olhar para a morte própria abre a existência para uma temporalidade própria.

Para que faça sentido falar sobre a morte, é necessário que se realize uma breve retomada histórica com relação à sua convocação na vida social, política, cultural e econômica da humanidade. Isso porque, dizer que a morte sempre existiu não é novidade alguma, é mais relevante procurar contextualizá-la de acordo com o tempo/espaço, em uma perspectiva global, já que é algo que apresenta bastante variação. Falar sobre a história da morte é falar sobre uma história que não tem fim.

O fenômeno da morte existe enquanto entidade desde o início dos tempos. Começou a ganhar representações populares que já se referiram a tal, sob diferentes perspectivas: no feminino, no masculino, com humor, com tristeza, com raízes religiosas, com raízes espirituais, mas nunca com indiferença. Tal fato demonstra como o fenômeno do morrer adquiriu inúmeras facetas ao longo da história, mas nunca manteve-se trivial.

A morte em si esteve, no geral, ligada a uma ação má, “a algo que em si clama por recompensa ou castigo” (KÜBLER-ROSS, 1998, p.6). Talvez por este motivo ela seja colocada neste espaço negativo, com conotação nociva.

Os avanços na ciência têm alavancado as possibilidades de cura de doenças e a consequente extensão do tempo de vida, como não era imaginado ser possível. Por isso ou, até mesmo apesar disso, parece que o temor pela concretização da morte só cresce e a estigmatização desta também (KÜBLER-ROSS, 1998, p.11).

Talvez devamos voltar ao ser humano individual e começar do ponto de partida para tentar compreender nossa própria morte, aprendendo a encará-la menos irracionalmente e com menos temor deste acontecimento trágico, mas inevitável. (KÜBLER-ROSS, 1998, p.19)

Há incontáveis fatos que comprovam que o ser humano sempre abominou a morte e muito provavelmente sempre a negará (KÜBLER-ROSS, 1998, p.6), como pode ser observado nas mais diversas representações (populares) com as quais a morte foi caracterizada ou até mesmo os rituais aos quais esteve conectada. Faz sentido articular essa frustração frente ao fim da vida com a dificuldade de colocar em perspectiva nosso passado, tendo em vista um futuro? Qual é a relação desse desencantamento com a vida que se vive hoje? Por que o morrer carrega em si tamanho desagrado? No livro “A visão do suicídio a partir do ser no mundo” de Carlos Henrique Martins Teixeira (2018), indaga-se ainda mais: “Onde foi parar a morte?” (p.37), como se o espaço que ela tem nas nossas vidas deixasse de existir por simplesmente não se falar sobre isso e se evitar a qualquer custo chegar perto desse acontecimento. Isso acaba promovendo o regime do silêncio a respeito da morte e a consequente manutenção desta lida como tabu. É claro que não se pode esperar que mudanças enormes a respeito aconteçam do dia para noite, esse questionamento é realizado mais com o intento de procurar desvelar um pouco essas facetas que mantêm o fim da vida como mistério existencial.

Ao negar a existência e a ocorrência da morte, o que também está sendo contestado é o olhar para a temporalidade própria, para o modo como cada um de nós vive a própria existência, para a maneira como cada pessoa existe singularmente nesse mundo que é comum, mas também é único, no sentido de que ainda que habitemos neste mesmo lugar, as conexões que são feitas e as teias que são constituídas com os anos, fortalecem o que é a vida em sociedade. O que faz o mundo ser o mesmo também é o fato dele se apresentar às pessoas, dele ser capaz de tocá-las.

O que foi construído, em sociedade, é que a morte é a traição de tudo que nos foi 'prometido' e 'vendido' ao longo da vida; ela resume tudo sobre o que não se sabe falar e por isso, é sempre vítima de afastamento, tornando, cada vez mais o processo do morrer, higienizado e surpreendente.

Se esse capítulo começasse com a frase de que cada um de nós dispõe de uma vida que necessariamente levará à morte em algum momento, não pareceria haver nada de inédito a ser compreendido. Acontece que pouco se discute, se debate, se aprofunda sobre o que isso representa, de fato, nas nossas histórias. Sobre como, frente a uma morte "inesperada", normalmente as pessoas em volta, são expostas à uma visão da vida completamente singular àquele momento e que vai se dissipando, aos poucos, conforme a vida volta ao *normal*. O que essa reação fala sobre o morrer para além de denotar seu caráter, muitas vezes, abrupto ou repentino e sempre incontornável?

Por ser um fenômeno que pode se apresentar nas mais variadas dimensões e maneiras, não há abordagem correta para se falar sobre a morte, mas existem possibilidades que podem tornar o morrer menos desconhecido, menos assustador e situá-lo em uma perspectiva que pode ser chamada de 'realista' para com a vida que se leva, mesmo sem ser extremamente pragmático.

Importante mencionar que este capítulo serve à introdução do quê a morte representa na vida, na maneira como ela é hoje conhecida. E o suicídio, fenômeno totalmente diferente, acaba se aproximando de alguns elementos, pelos quais a morte é representada. Mas o mais expressivo é concluir, que não há possibilidade de se falar sobre morte ou sobre suicídio, sem que se fale sobre a vida, sobre o viver, sobre a vida que se leva - tendo em vista a inevitável ocorrência da morte.

A abordagem Fenomenológica-Existencial utilizada neste trabalho convoca a noção de impessoal como sendo essa trama de sentidos já consolidados no mundo, e nesse sentido, pode-se dizer que o modo como todos nós vivenciamos a morte, em seus mais diferentes planos de sentido, pode ser considerado impessoal, porque leva sempre em consideração que ela nunca irá acontecer, ou que, pelo menos por um tempo, há a 'certeza' de que não há perigo que ela ocorra, há a segurança de que se está a salvo.

Mas o quanto a morte não convoca um sentido? Ao considerar que todas as pessoas vivem, invariavelmente, sob o pretexto da limitação temporal, é pertinente considerar que isso acarrete outras restrições? Com certeza, pois a vida acaba sendo vivida na perspectiva do horizonte de sentido, o qual parece só existir

enquanto existe tempo. Portanto, seria correto dizer que não há horizonte de sentido quando não há mais tempo?

Tal visão denota que o ser humano vive dentro de uma noção temporal da qual ele não tem escapatória, senão se adequar. Isso quer dizer que só há sentido enquanto há tempo, e não necessariamente haverá sentido em todo momento que “houver” tempo.

Heidegger (1927) traz, além do caráter impessoal, com o qual se cobre o fenômeno da morte, só deixando que transpareça algo quando não há (mais) outra possibilidade, que não a confrontação com a morte, o modo mais comum se de lidar com o fim da vida, que é evitar olhar para o fim da história, que é de cada um, evitar entrar em contato com a temporalidade, com a qual cada um de nós sempre sobreviveu e conviveu. É a impossibilidade de constatar, que a percepção da nossa temporalidade está diretamente relacionada ao que cada um de nós faz da própria vida ou, em muitos casos, deixa de fazer ou até mesmo posterga pela convicção de que *sempre há tempo*.

Ainda que a procrastinação pareça, em um primeiro momento, irrelevante, ela pode ser considerada uma manobra ôntica, se colocada sob o entendimento da função à qual ela está submetida na vida de cada pessoa. A manobra ôntica é uma expressão utilizada na Fenomenologia Existencial para designar aquilo que é realizado, tendo em vista o impedimento da ocorrência de acontecimento ontológicos, de inclusões ontológicas, que são julgados, a primeira instância, como imprecisos ou equivocados, não bem vindos.

O livro “A visão do suicídio” coloca esse olhar em direção ao cotidiano do *Dasein* (TEIXEIRA, 2018, p.115) como maneira de se acessar “os limites (que) marcam a nossa existência a todo instante e, de certa maneira, nos dão a segurança de que precisamos para viver em sociedade” (TEIXEIRA, 2018, p.117), ou seja, algo que conversa muito com o que poderá ser observado nos próximos capítulos com relação à maneira como esses limites sociais acabam por delinear grande parte dos motivos pelos quais as coisas são realizadas ou deixam de ser. O suicídio vem, nesse sentido, como algo que contesta a obrigatoriedade de se viver só porque há tempo.

No que se refere ao manejo com esse fenômeno é fato que pode ser observado a forma cotidiana como a sociedade está estruturada nesse entendimento, “para lidar com a vida e a morte, mostra que está articulada basicamente com vistas a salvar vidas, e não permitem que a morte aconteça”

(TEIXEIRA, 2018, p.41). Se as mortes já devem ser, em geral prevenidas, os suicídios ainda mais.

Nesse sentido, é observado que o fim da vida para o ser humano não tem relação apenas com a maturidade e com o “resultado natural de um processo biológico de falência orgânica” (TEIXEIRA, 2018, p.45), mas está muito mais conectado a tudo que não foi vivido e tudo que deixará de ser, bem como, aos sentidos e possibilidades que cada *Dasein* tem em sua condição de abertura, gozando como faz sentido. Esta abertura é o que possibilita ao ente compreender que morre, que tem fim. E ainda que todos saibam que somos finitos, cada um compreende isso de um jeito.

A conotação, ao falar de morte, é comumente a que expressa tudo o que poderia ter sido e não foi e/ou tudo que foi, mas deixou de ser. Talvez por isso também, esteja atrelada à ideia de que a morte não é bem-vinda e não deve ser aceita com passividade.

Raramente é concedida à morte a possibilidade de ser pensada “como um acidente para a vida, como o resultado de uma vida sem sentido, como uma vida descuidada” (TEIXEIRA, 2018, p.38), isto acaba acarretando a compreensão desta como algo insuportável e equivocado. À ela, então, não é concedida a probabilidade de não ser tão negativa e malquista, o que também se conecta muito ao argumento acima que traz como a tecnologia e a medicina estão evoluindo e as pessoas estão sendo cada vez mais salvas e distanciadas da proeminência da morte natural.

O livro “A visão do suicídio” pontua também que cabe ao ser humano a ação de rearticular a sua existência (TEIXEIRA, 2018, p.37), ou seja, alinhar-se ao que faz sentido na vida em cada fase, justamente por entender que o ser humano é um ser mutável e que a vida ganha contornos diferentes ao longo dos anos. Isso quer dizer procurar compreender profundamente a estrutura de sentido, da qual cada um de nós é composto e a partir da qual todos nós nos realizamos, de acordo com o que é esperado de nós enquanto seres que vivem um(a) vida. Isso quer dizer, que ao entrar em contato com o que nos compõe, passa a ser uma tarefa mais simples “situar a morte como parte da vida e como a possibilidade da vida que lhe dá limite e, como todo limite, o que dá forma, o que traz identidade” (TEIXEIRA, 2018, p.39).

Olhar para a morte como pertencente às fases naturais e esperadas da vida pode ser difícil, porque a outra ocorrência que tem uma relevância comparável à da morte, é a do nascimento e ela não pode ser esperada por nós - o que faz com que a morte seja o único acontecimento da vida enquanto estamos no mundo, sobre o

qual não temos controle ou para o qual não temos saída, “a morte é, no entanto, apenas o ‘fim’ do ser-aí e, em sentido formal, apenas um dos fins que abrangem a totalidade do ser-aí. O outro fim é o ‘início’, o nascimento” (HEIDEGGER, 2007, p.464 *apud* TEIXEIRA, 2018, p.55).

Isto porque, ontologicamente, vida e morte não são fenômenos distintos e separados que se excluem e neguem um ao outro. vida e morte constituem um único fenômeno - vida-morte -, que se oferece como o fundo sobre o qual a existência se desenrola. A morte ilumina a vida (seu sentido), podendo fazê-la endereçar-se a ser própria e/ou imprópria. (DICTCHEKENIAN, 1988, p.68).

Nessa lógica, com o intento de fazer um bom caminho, até que se chegue ao centro do projeto com toda a complexidade que o fenômeno do suicídio tem para oferecer, neste momento já é uma evidência falar sobre morte, falar sobre vida. O suicídio corresponde a uma forma de lidar com o ente que somos. Pode-se afirmar, então, que a morte é um dos acontecimentos da vida. Ela faz parte da trama de sentidos que vão sendo compostas ao longo dos anos e, ainda que indesejada, ela é a única certeza. Pensar o fim da vida diz respeito à vida que se viveu, justamente porque a morte pode vir como algo que possa ser considerado descuido, ou até mesmo, como proveniente de causa natural. O suicídio é, então, também uma das possibilidades do fim da vida. E ele também diz respeito à vida que se viveu mas não quer dizer que tenha sido uma vida de menos valor. O conhecimento da possibilidade do fim da vida, ainda que não seja o fim propriamente, diz respeito à vida que se vive. Bem como, a vida que se vive diz respeito à incontável ocorrência da morte.

Faz sentido, portanto, orientar a ideia trazida por Teixeira (2018), de que a morte:

Foi capaz de mostrar para nós - talvez não tão significativa por ter trazido à comunidade dos homens a nossa mortalidade, mas por realçar a própria vida como campo de possibilidades, capaz de abrigar entre essas o suicídio deste poder-ser que se reconhece enquanto um ser mortal. (p.39)

Para Heidegger (2007), “a morte é um modo de ser que a presença assume no momento que é” (p.320), então sob essa perspectiva, ela seria sim um acontecimento do ser que está no mundo aberto a todas as possibilidades que se

apresentarem. Ela diz respeito à estrutura do *Dasein*, que sendo, coloca o seu ser em jogo (p.40).

E esta é uma condição fundamental do ser do ser humano, “seu modo de ser originário do qual ele não tem escapatória” (DICHTCHEKENIAN, 1988, p.67). O indivíduo, sendo assim, é um ente fadado a cuidar do seu ser, “de tornar-se” (DICHTCHEKENIAN, 1988, p.67). Esse olhar diz respeito à condição do *Dasein* enquanto ser-no-mundo justamente porque ele não tem escolha, e sendo, ele tem que obrigatoriamente cuidar do seu existir e das suas possibilidades de sentidos.

O cuidado é que se possa olhar para a vida, enquanto projeto - diante de toda uma gama de possibilidades que fazem parte da trama, que é estar no mundo. Além, de estabelecer uma relação com a linha do tempo, na qual cada um de nós está inserido. Isso quer dizer que deve-se olhar para a noção da temporalidade sabendo que se está submetido necessariamente a isso e ainda que todos estejam e as inserções ontológicas apresentem-se, o tempo de que cada um dispõe assume uma percepção que está conectada à vida que cada um vive.

A morte tem relação com o passado da vida que foi vivida e com o futuro, para o qual talvez não faça mais sentido olhar, ou até mesmo, não seja mais possível fazê-lo. Saber que há um futuro pela frente, faz com que as ações da vida sejam conectadas ao que já se viveu e como isso foi experienciado e portanto, só faz sentido ressignificar o passado, por saber que há um futuro pela frente, mesmo que esse futuro venha a ser a ausência do horizonte de sentidos a partir de um certo e *inesperado* momento. A temporalidade se abre como só cada um a pode experimentar.

Carlos Henrique Teixeira em sua obra “A visão do suicídio a partir do ser-no-mundo” adiciona nesse sentido que “a historicidade é o passado presente, é a identidade, é por ela que *Dasein* se rearticula com o futuro, deixando ser o que lhe tem sido” (TEIXEIRA, 2018, p.58), trazendo que a condição do ser enquanto *Dasein* submete-o ao tempo - que não pára.

Nesse sentido, é imprescindível ressaltar que “esse movimento lógico ao qual o homem está inalienavelmente condenado realiza-se histórica e expressamente” (DICHTCHEKENIAN, 1988, p.68), o que quer dizer que não tendo outra saída, cabe a cada um compreender que até mesmo o seu morrer, ou, principalmente, o seu morrer é “próprio e intransferível” (DICHTCHEKENIAN, 1988, p.68), e não deixa espaço para que alguém negue a morte como uma oportunidade que pode dar sentido à vida e se alinhar ao seu próprio poder-ser. Estando

condenados a cuidar do existir que é nosso, do ser que é de cada um, cuidar da existência é árduo e sem fim.

Tais entendimentos de mundo, como sendo os sentidos que povoam nossa existência, e do viver, contornam a compreensão de morte, abrindo alguns sentidos para sua apresentação. Inclusive para o entendimento, que será mais a frente tratado também, de que sendo o viver individual, o morrer também o é, o que coloca o ser-no-mundo como ser-para-a-morte, sendo essa a experiência do limite.

A aproximação da discussão a essa esfera é conveniente porque começa a responder o que foi, no começo, questionado. A morte estando conectada ao que parece ser a sensação de término, é capaz de indagar cada um acerca da vida que se vive e que já se viveu, acerca do que, um dia, já foi possibilidade, acerca do que, já pode ter feito sentido, e então, em termos gerais, sobre as dívidas que cada um carrega com si mesmo, considerando as renúncias e os caminhos que não foram percorridos, e sobre como aquele viver foi experienciado.

2 COMPREENSÕES GERAIS DO SUICÍDIO

2.1 Historicidade e Estatísticas

Este segundo capítulo busca explicitar algumas compreensões sobre o fenômeno do suicídio. É de conhecimento geral que este assunto é comumente evitado e quando abordado, sempre de maneira a enfatizar o tratamento, cura e prevenção do fenômeno. Isso acaba por reduzir o ser humano a um sistema fechado e não considerar a vida que é de cada pessoa. Esta é uma introdução à tentativa de olhar para o suicídio sem ser proibicionista. O objetivo deste capítulo é abordar variáveis como a origem da palavra, a origem histórica, alguns dos entendimentos do senso comum, dados estatísticos e uma breve contextualização do cenário atual em relação à ocorrência deste fenômeno.

Nesta pesquisa buscamos nos afastar de uma ótica moralizante que toma o ato de pôr fim a vida como uma impossibilidade. Não se trata de um antagonismo por completo às concepções vigentes, pois não pretendemos clamar pelo fenômeno ou incitá-lo. enfim, se por um lado, não pretendemos promover uma interdição, por outro não buscamos qualquer elogio ou apologia (FEIJOO, 2018, p.13).

Para iniciar a discussão, é interessante que seja posto que não é possível se falar em apenas suicídio, é necessário que sejam considerados no plural porque existem muitos tipos de existência.

A origem da palavra suicídio vem etimologicamente do latim e surgiu no século XVII, na Inglaterra - *suicidium*, em que *sui* atribui o sentido de próprio, si mesmo e *cidium* (ou *caedere* ou *caedes*) tem o sentido de matar ou morte violenta (FEIJOO, 2018, p.123). Interessante ressaltar, que já na origem da palavra, a intenção de nomear este fenômeno, era atribuir o sentido de algo violento, com uma conotação moral lesiva e negativa (FEIJOO, 2018, p.123) a ele e não apenas o sentido do matar a si próprio. A origem da palavra já carrega em seu cerne, o crime (FEIJOO, 2018, p.123).

Os primeiros registros do termo foram utilizados em 1636 na França e com publicação em 1652 por um monge em um livro, sobre o qual houve uma grande repercussão e que foi banido do Vaticano, assim como tantos outros títulos da época.

No século XVIII o abade francês René Desfontaines utiliza o termo suicídio para substituir a expressão “morte voluntária” e em 1762, o mesmo é reconhecido na academia da França.

Na Roma Antiga, cinco motivos eram os considerados como legítimos e isentos de penalidade para se cometer suicídio: tédio da vida, dor extrema, vergonha, loucura e paixão (FEIJOO, 2018, p.119). Já na Grécia antiga, a palavra utilizada era *aphistamai tou biou* que significaria afastar-se da existência e também a expressão *axagoge eulogos* que significaria a saída racional (FEIJOO, 2018, p.76).

Assim, tanto no latim quanto no grego a ideia de pôr fim à vida aparece como morte voluntária, afastamento da existência, morte racional (FEIJOO, 2018, p.76). Segundo a autora Ana Maria Feijoo (2018, p.76), alguns escritores latinos como Cícero e Virgílio referiam-se ao ato de decidir por não viver mais, como uma partida precipitada, como saída tranquila e como marcha calma e entendiam esse ato como mais tranquilo do que optar por viver quando se quer morrer.

Assim como já mencionado anteriormente, muito pouco se trata sobre a morte e quase sempre, nos ocupamos dela como um fator que irá invariavelmente vir a acontecer, mas que num futuro distante de preferência. Grande parte do desconhecimento do fenômeno do suicídio vem dessa inaptidão para lidar com o tema do fim da vida (31). Além disso, se une à ideia de suicídio, quase sempre a imposição de um veto definitivo que oferece pouca margem para debates profundos a respeito (FEIJOO, 2018, p.22).

Segundo registros históricos, o filósofo Aristóteles (citado por Lykouras, 2013) condenava o suicídio e o considerava como um ato de covardia, mais do que de bravura, e concluía que o suicídio não era a destruição de si mesmo sozinho, mas também feria sua pátria, porque ele rasgava a trama social; além disso ele só concebia o suicídio, em casos considerados extremos, como no caso de doença dolorosa ou insuportável aflição causada por vergonha (FEIJOO, 2018, p.116). Já para os epicuristas e estóicos, (citados por Minois, 1995), o valor supremo do indivíduo era a liberdade, e essa residia no poder de decidir por si próprio sobre sua vida e sua morte. Na concepção desses filósofos, a vida não merecia ser conservada, a não ser que fosse um bem, ou seja, que trouxesse consigo mais satisfações do que males. Caso contrário, acreditavam ser loucura conservá-la (FEIJOO, 2018, p.116).

Feijoo relata que há registros de que na Idade Média era inconcebível a ideia de que um homem saudável, física e espiritualmente, quisesse escolher precipitar

sua morte, por considerar que a vida não valia a pena ser vivida (FEIJOO, 2018, p.123), por isso estava sempre conectado à loucura ou desequilíbrio mental.

Há registros de que, ainda em 1823, na Inglaterra, se praticavam punições aos cadáveres dos suicidas. Também lá, até 1870, se mantinham em vigor as leis, que confiscavam dos cidadãos suicidas seus bens, títulos e a dignidade póstuma e até 1961 (!), as tentativas de suicídio malogradas eram consideradas crimes e seus autores eram encaminhados para a prisão (FEIJOO, 2018, p.125).

Pode-se acreditar que a interdição do suicídio foi se sedimentando, na medida em que os interesses sociais e econômicos foram confiscando a liberdade do homem, que foi perdendo o direito de dispor como quisesse de sua própria vida (FEIJOO, 2018, p.123).

Pode-se perceber que, ao longo da história, o suicídio apresentou diversas aparências e foi interpretado de diferentes maneiras, sendo ato heróico ou covarde (FEIJOO, 2018, p.139) e uma das razões para isso, seria o fato de que, a depender da época, a sociedade se organiza de tal maneira, que há aspectos a serem valorizados e que são considerados como benéficos e que posteriormente, podem ser avaliados como nocivos.

O suicídio é um fenômeno humano altamente complexo, no qual a morte é escancarada, como em poucas outras situações. Por esse e outros motivos, é um assunto interdito, lidado, na maior parte das vezes, individualmente, sem considerar as influências da sociedade e da cultura de maneira geral.

A questão está justamente na compreensão de quais elementos são influentes nessas mudanças de perspectiva, (por exemplo, culturais) “precisamos compreender como o ocidente busca compreender os fenômenos que se fazem presentes a partir de determinada época” (FEIJOO, 2018, p.148).

Algo interessante também é o fato de o termo “prevenção” ser sempre muito utilizado quando se fala em suicídio, mas não necessariamente acompanhado de uma elaboração como “prevenir o que? prevenir por quê? prevenir para quem? (FEIJOO, 2018, p.33). Por isso, neste capítulo busco compreender um pouco da historicidade do fenômeno, bem como dados estatísticos, aos quais nem sempre temos acesso, para contextualizá-lo à maneira como o percebemos hoje em dia.

Mesmo com os esforços para verificar correlações estatísticas entre adoecimentos e o ato de pôr fim à vida, ao se estabelecer relações de causa e efeito, conserva-se certo grau de parcialidade, quando se trata da questão sobre suicídio (FEIJOO, 2018, p.34).

O livro “Suicídio: entre o morrer e o viver” aborda no capítulo 3 “Uma revisão sistemática da Literatura” alguns dados relacionados à incidência e à prevalência deste fenômeno. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (dados de março de 2017), o suicídio é um fenômeno global e é responsável por 800 000 mortes por ano (FEIJOO, 2018, p.40).

As estatísticas sugerem que por trás de cada suicídio consumado, há ainda mais pessoas que tentam o suicídio a cada ano (FEIJOO, 2018, p.40), e que esse índice (de tentativas), no Brasil, na população juvenil chega a ser 50 vezes maior do que o número de tentativas consumadas (FEIJOO, 2018, p.41). Além disso, é essencial mencionar que mundialmente, o suicídio representa 50% de todas as mortes violentas entre homens e 71% entre mulheres (FEIJOO, 2018, p.40). A informação contida no livro demonstra também que o Brasil é um dos países com menor índice de mortes por suicídio, quando comparado aos países do continente americano abrangidos pela OMS (FEIJOO, 2018, p.40). Como a compreensão deste acontecimento em específico não está contida no objetivo deste presente projeto, não nos deteremos em achar possíveis causas para isso.

Suicídios ocorrem no mundo todo e há registros de que a taxa aumentou em 60% (nos últimos 45 anos), ficando entre as três principais causas de morte entre pessoas dos 15 aos 45 anos (TEIXEIRA, 2018, p.10). Afeta indivíduos de todas as nações, culturas, religiões, níveis sócio-econômicos culturais, e gêneros. Dados de 2019 (Anexo I) mostram que as maiores taxas de frequência de ocorrência deste fenômeno é nos países do Leste Europeu. Embora, países da Europa Ocidental mostrem taxas menores, há características importantes a serem destacadas. Por exemplo, a Bélgica que aparece em 11º lugar com taxa de 20,7 suicídios a cada 100 000 habitantes, conta uma das legislações mais liberais do mundo de suicídios assistidos por médicos (eutanásia e outras modalidades). O Brasil encontra-se em 106º lugar com 6,5 suicídios a cada 100 000 habitantes. Segundo o Ministério da Saúde foram registrados 11 433 casos no ano de 2016, com aumento de 2,3% em relação ao ano anterior.

As menores taxas no mundo estão concentradas no Caribe: Bahamas, Jamaica, Granada, Barbados e Aníquia, sendo que as duas últimas ilhas apresentam índices baixíssimos (0,8 e 0,5 suicídios a cada 100.000 habitantes respectivamente).

A OMS (2017) é responsável também por detalhar medidas que auxiliam na elaboração de ações preventivas em contextos de tentativas de suicídio. Claro está,

que ao se conhecer melhor os preditores dos riscos, a preparação de estratégias eficazes, que visam a prevenção, se torna mais assertiva . Dados de literatura demonstram que a prevenção é um dos subtemas mais pesquisados. Levantamento feito na base Pubmed, mostra que durante o ano de 2018 foram publicados 4607 artigos relacionados a suicídio, sendo 1334 dedicados à prevenção . Importante ressaltar a necessidade de mais estudos sobre o conhecimento do fenômeno e suas inúmeras variáveis e elementos subjacentes, até porque o interesse da grande maioria dos estudos, está conectado a possíveis intervenções de “crises suicidas”, como tentativa de controlar o fenômeno, como se o suicídio carregasse em si a conotação de que precisaria ser evitado.

A revisão mostra também, que as áreas mais produtoras acerca da temática, não surpreendentemente, são a saúde e a psicologia (FEIJOO, 2018, p.51) e dentro destas, o foco está na relação do suicídio com a psicopatologia (FEIJOO, 2018, p.51), como já foi anteriormente mencionado. Inclusive é de autoria destas duas áreas de estudo, a produção de 16 publicações que apontam para a necessidade de medidas preventivas (FEIJOO, 2018, p.51). Fato com o qual procuraremos não corroborar.

Importante destacar neste momento, que de acordo com o artigo 3 da Declaração Universal de Direitos Humanos, “Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”. Neste sentido a noção de vida passa a ser tomada como um bem supremo, compreendida como algo não renunciável, ou ainda, indispensável, nos termos da doutrina jurídica, ou seja, entendida como aquilo, de que não se pode dispor ou renunciar -> a vida se torna um dever -> suicídio se torna um crime, por promover um atentado contra a vida.

A criminalização ao ato de pôr fim à vida foi registrada pela primeira vez, no século IV d.c., com promulgação pelo Império Romano de leis que proibiam o ato de terminar com a própria vida (FEIJOO, 2018, p.74). Já no ano de 967, na Inglaterra, o suicídio passa a ser considerado crime (FEIJOO, 2018, p.74).

Segundo a Constituição Brasileira:

Autocídio. Morte de uma pessoa, conscientemente provocada por ela. Não constitui infração penal, embora seja ato ilícito, porque a vida é bem jurídico indisponível. A orientação da lei é inspirada por razões de política criminal, a fim de estimular a pessoa que, em momento de instabilidade emocional, execute (ou tente) o ato extremo, superando o instinto de conservação.

Hoje, são poucas as legislações que mantêm a incriminação de conduta. Todavia, constitui crime contra a vida, induzir, instigar ou prestar auxílio ao suicídio. Vide auxílio ao suicídio. Vide instigação ao suicídio. (JUSBRASIL⁵)

Suicídio não é crime.

Mesmo que as pessoas repitam que o ato de se suicidar é um crime contra a própria vida, a legislação brasileira não vê assim. A lei não pune aquele que, por ato próprio, exterminar a própria vida, ou aquele que se empenhar para isso mas não finalizar. Nem por isso pode ser considerado um direito porque a vida é protegida pelos princípios de inviolabilidade e irrenunciabilidade. Apesar disso, a norma penal responsabiliza o terceiro que ofereça apoio ao suicida, manifestando-o através das condutas previstas no Artigo 122 da Lei 2.848⁶ do Código Penal.

2.2 Suicídio e Devoção: faces religiosas do fenômeno

A história da humanidade mostra que as religiões sempre deram conforto e acolhimento para a doença e para o sofrimento psíquico.

A maioria das religiões considera a noção da vida como possibilidade de ressurreição, de recompensas. Assim, representariam ‘organizações’ que colaboram defensivamente contra as ‘inevitáveis catástrofes’ psíquicas.

Embora a Pesquisa sociológica de Durkheim (2000) aceite tradicionalmente que a religião “protege “ contra o suicídio, poucos estudos têm examinado esta proposição teórica fora da cultura ocidental industrializada. Hsieh. N. analisou banco de dados de Mortalidade da OMS e World Values Survey (1981-2007) em 42 países e observou que a participação da religião é “protetora” na América Latina, Europa Oriental, Norte da Europa e países de língua inglesa, mas pode agravar risco de suicídio na Ásia Oriental, Europa Ocidental e Sul da Europa e este fato pode estar relacionado à subnotificação e a diferentes graus de integração nas comunidades religiosas.

A religião pode ser operada como um método de “defesa coercitiva” contra o suicídio (ASNIS, 2007, p.15). O modo como as principais religiões monoteístas

⁵ <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/busca?q=Suic%C3%ADdio> - acessado em 20/03/2019

⁶ <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10625219/artigo-122-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940> - acessado em 05/2019

como (Cristianismo, Judaísmo e Islamismo) lidam com o suicídio elucidada muito bem este fenômeno coercitivo. Para o cristianismo o suicídio ainda é visto como “um grave pecado contra Deus”. Segundo a Bíblia, o suicídio é assassinato, ou seja, “é sempre errado”. As determinações cristãs aparecem com as noções de pecado, culpa, erro, causa, falta de sentido. Com as determinações jurídicas, o suicídio passa a ser crime e, portanto, legislado pelo estado; com as científicas, a moralização provém dos critérios estipulados pelo modelo, que diz respeito à categorização do comportamento suicida e sua conseqüente patologização; no senso comum, a ideia de suicídio vem sempre vinculada à coragem ou covardia, à loucura ou ao sofrimento (FEIJOO, 2018, p.73).

De acordo com o Judaísmo, a vida é extremamente preciosa e sagrada, portanto não se pode tratar questões de vida e morte de forma leviana. D'us estabelece claramente no Torá: “Portanto, escolha a vida” (Devarim 30:19)⁷. Embora tenhamos o poder de fazer uma escolha, Deus nos ordena a escolher a vida no lugar da morte. Por este motivo, o Judaísmo proíbe atos que resultem em morte “misericordiosa” ou que concebam o direito de acabar com a vida.

Já quando se avalia o Islamismo, há que se considerar duas concepções: a tradicional, que inibe coercitivamente os impulsos auto e hetero destrutivos e a fundamentalista, que estimula tais impulsos. Para a concepção tradicional, o suicídio é um ato profundamente condenado, considerado um crime pior que um assassinato, com penas impostas inclusive a familiares, que podem passar a ser marginalizados.

Já para a concepção fundamentalista, o ato suicida é considerado heróico, sendo os homens-bomba responsáveis agraciados com o nobre título de mártires, extensivos aos familiares, que ostentarão status diferenciado e auxílio espiritual e financeiro (STERN, 2004⁸, p.25 *apud* CAMARGO, 2007, p.59). A consideração heróica do ato será abordada com mais detalhes no quarto capítulo deste projeto.

⁷ Deuteronômio é o quinto livro da Torá, a primeira seção da Bíblia hebraica e parte do Antigo Testamento da Bíblia cristã.

⁸ Terror em nome de Deus. São paulo. Editora Barcarolla.

2.3 Contexto Pós-moderno

Incluído nos objetivos deste segundo capítulo, a discussão do suicídio no contexto contemporâneo se faz importante, porque ele se intensifica por estar vinculado ao imenso espectro de informações e transformações, que se dão em nível material, político, ideológico e econômico e que acabam por ecoarem nas formas de comportamento e convivência (FEIJOO, 2018, p.35). Isso quer dizer, que ao estigmatizá-lo, “tal ideação não encontra muito espaço de expressão e acolhimento, torna-se uma voz silenciada em nossa sociedade, onde o preceito da interdição parece pouco contribuir para uma mudança de cenário” (FEIJOO, 2018, p.37). É evidente que é um assunto que exige atenção e cuidado ao ser abordado, já que são muitas explicações, argumentos e medidas que podem ser levantados - sendo corretos ou não - mas que podem atingir as pessoas, de maneiras diferentes, e ter consequências diferentes das que são buscadas originalmente, ao se tratar suicídio sem considerá-lo um tabu (FEIJOO, 2018, p.134).

O silêncio foi tido como uma das melhores maneiras de se lidar com este fenômeno, justamente, pelo receio da impossibilidade de acolher todos que precisassem, mas isso também é um reflexo do cenário pós-moderno - no qual as pessoas são estimuladas à felicidade e satisfação pessoal constante e incondicionalmente, sem terem a possibilidade legítima de contemplarem a própria existência. Acreditou-se que “o silêncio seria uma forma de evitar que as pessoas pensassem em dar fim à sua vida, estimuladas por notícias de acontecimentos ligados ao ato” (FEIJOO, 2018, p.135) (evitar o “efeito contágio”). De acordo com o livro “O ponto da virada” (2009), suicídios que viravam notícia, contribuía para que os outros se sentissem autorizados a tirarem a própria vida. O silêncio acabou tornando-se uma estratégia, por parte das autoridades, e que é praticada até os dias atuais. Em 1929, os *Annales d'hygiène* (citados por Minois, 1995) determinavam que: “os jornais deveriam se abster de noticiar um suicídio, qualquer que ele seja” (MINOIS, 1995, p.391 *apud* FEIJOO, 2018, p.136). O fato de ser ocultado dessa maneira, deixa claro como a sociedade ainda se encontra “aprisionada em determinações moralizantes frente ao suicídio, encarando este ato como um mal que deve ser abafado e extirpado de nosso convívio social” (FEIJOO, 2018, p.137). No livro “O ponto da virada”, o autor afirma também, que o silêncio nesse sentido é capaz de evitar uma ‘epidemia contagiante de autodestruição’, colocando em pauta,

que talvez, apenas pela ausência de debate e discussão, as pessoas não se sintam autorizadas a pensar sobre isso e a ter o *não mais viver* como possibilidade.

O capítulo afirma ainda que já é de conhecimento da OMS (2014), que a estratégia de velamento prejudica a dissipação de informação acerca do suicídio e apenas contribui para que este permaneça sendo tabu (FEIJOO, 2018, p.137). Tal prática, acarreta dois grandes problemas, sendo o primeiro, como já foi mencionado, o fato de que as pessoas que possam pensar em suicídio, não buscarem ajuda por saberem que não encontrarão e o segundo que o “velamento” gera grande desinformação, porque “apenas 60 dos 194 países da OMS coletam os dados sobre esse fenômeno e mantém informações sobre o assunto” (FEIJOO, 2018, p.137), o que é um percentual muito baixo para um problema tão relevante de saúde pública. Além disso, a falta de informação contribui para que as redes de ajuda permaneçam ineficientes, o que acarreta dificuldades, para que as pessoas possam e queiram procurar ajuda (FEIJOO, 2018, p.139), ou seja, pode-se afirmar alguns “insucessos nas tentativas de sua circunscrição (do suicídio), pela constante insuficiência dos saberes convocados a se ocupar do suicídio para elucidar o que o constitui mais propriamente” (FEIJOO, 2018, p.154).

Segundo a monografia “Suicídio: uma escolha existencial frente ao desespero humano” (2016), a cada 40 segundos uma pessoa comete suicídio no mundo, isso porque a morte é percebida como uma saída para o sofrimento, um alívio para a dor, “possibilidade para a solidão existencial que despedaça a vida” (p.186). Além disso, o autor do artigo defende que ao se suicidar, a pessoa “quer nos dizer apenas que já não suportava mais. Fala também de nós. Confirma, por um lado, que não podia continuar nos tolerando” (p.187). Tal afirmação vai contra o que este projeto pretende demonstrar, porque além de não ser possível se falar em apenas um tipo de suicídio, como se todas as ocorrências dele se configurassem da mesma maneira e fossem consequências dos mesmos motivos, também coloca o suicida como uma pessoa que necessariamente não via outras possibilidades e por isso escolheu tirar sua própria vida, deslegitimando suas razões. Conforme os próximos capítulos vão delinear, existem suicídios, nos quais pessoas que pensam ou já pensaram nisso, admitem e reconhecem terem outras opções e preferirem a morte. O autor adiciona, que aquele que se mata, procura se libertar de uma ausência (p.187), o que pode ou não ser verdade, mas não se coloca enquanto verdade absoluta e incontestável. Para finalizar, o artigo defende que “o suicídio pode ser considerado a expressão incontestável de uma crise de despersonificação”

(p.187), e esta afirmação também não está de acordo com os objetivos deste trabalho porque o que se busca aqui, é discutir a possibilidade de avaliar a patologização - sem discriminação - daquelas pessoas com ideações.

Hoje em dia, a visão mais prevalente acerca do suicídio é a de que existe uma causa por detrás do ato, seja ela de origem social, biológica, ou psíquica (FEIJOO, 2018, p.139). Isto porque, “na modernidade, essa representação assume que o mundo é, por si só, dotado de uma harmonia plena, de uma total fluidez e adequação dos seres a si mesmos e aos outros seres ao seu redor” (FEIJOO, 2018, p.149), ou seja, se você é uma pessoa que não se adequa à constante felicidade exigida, é mais provável que você tenha um distúrbio biológico, do que alguma insatisfação relacionada ao seu contexto social.

De acordo com o artigo, “Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações” (2011), ainda que o autor coloque o ato como uma ação de desespero, ele também defende que “é multideterminado, acontecendo quando um conjunto de fatores ambientais une-se a determinados modos de ser”, reconhecendo-o como biológico e social.

A partir da leitura psicológica e fenomenológica com a qual este trabalho é produzido, é de se imaginar que seja livre de julgamentos e conceitos pré concebidos e que concorde, portanto, e também busque, considerar o fenômeno aqui exposto como um “posicionamento que possibilite, que a experiência se apresente, buscando um solo mais original, que sustenta essa possibilidade como uma dentre tantas outras que são próprias da existência” (FEIJOO, 2018, p.140).

Por isso, o objetivo deste capítulo é debater algumas possibilidades de demonstrações do fenômeno, para que uma leitura fenomenológica possa ser realizada, a partir da compreensão de suicídio delineada por esses elementos e também, para que seja possível enxergar “estar bem e o estar mal, o ter dor e o ter prazer como inerentes ao ato de existir” (FEIJOO, 2018, p.141), fazendo com que o sofrimento não seja mais visto como a marca mais acentuada daquele que decide pôr fim à vida, e portanto, desmistificar, em algumas esferas, a ligação entre sofrimento e o ato de tirar a própria vida, até porque dentro do que aqui é proposto “a dor é inerente à existência humana em todos os tempos, assim como em todas as etapas da vida” (FEIJOO, 2018, p.80).

Também com o objetivo de conectar a discussão com os dias atuais, vale contextualizar o cenário pós-moderno - no qual vivemos - trazendo breve explicação sobre a cultura do consumo, que permeia a sociedade e delimita suas escolhas. Na

cultura de consumo o desejo e as escolhas individuais triunfam sobre obrigações e valores sociais duráveis: como se os caprichos do presente tivessem prioridade sobre a verdade personificada na história, na tradição e na continuidade; necessidades, valores e mercadorias são fabricados e calculados com base em lucro, ao invés de surgirem de uma vida individual ou coletiva autênticas. A cultura de consumo é marcada por uma pressão constante para que sejamos “alguém mais” (BAUMAN, 2007, p.128). A cultura de consumo pode ser considerada um excelente exemplo de situações, através das quais os indivíduos a partir de suas opções individuais, constroem sua identidade. A ideia de uma cultura de consumo pós-moderna, segundo Slater (SLATER, 1999, p.187) está associada ao predomínio da informação, da mídia e dos signos, à desagregação da estrutura social, em estilos de vida, à prioridade geral do consumo sobre a produção da vida cotidiana e à constituição de identidades e interesses a partir do consumo.

O livro “Suicídio. Entre o morrer e o viver: desmoralizando o suicídio na contemporaneidade” (2018), adiciona, nesse sentido, que a produtividade dita a cadência do viver, só é saudável quem produz. Este contexto enxerga a saúde como o bem estar do organismo e o fim da vida como a falência de órgãos, ou seja, o desejo pela antecipação da morte só pode ser encarada como desrazão, loucura, o livro aponta que tal conclusão, aproxima o desejo de tirar a própria vida às doenças mentais. Há indícios, de que grande parte do tabu em relação ao fenômeno do suicídio possa estar vinculado ao fato de que, em uma sociedade da produtividade e do consumo, “um homem que se retira da vida não faz mal nenhum a sociedade, apenas deixa de produzir” (SLATER, 1999, p.131 *apud* FEIJOO, 2018, p.81), e por isso vincula-se à conotação negativa.

Além disso, uma das características do ser humano que vive na modernidade, vem da crença estabelecida, de que a vontade e o desejo são soberanos a tudo, a frase de ordem do ser humano passou a ser “querer é poder” (FEIJOO, 2018, p.85). Isso pode ser interpretado como elemento de uma sociedade, que não consegue lidar com frustração, que não tolera erros, uma sociedade na qual não há espaço e nem tempo para questões existenciais, como o desejo de pôr fim a vida, simplesmente pelo fato do ‘viver’ ser contemplado e enaltecido como opção única e inalterável de todas as pessoas.

O ato de pôr fim à vida foi transfigurado como um tabu, que deveria ser a todo custo exterminado da vida social, já que esse ato carregava o estigma moral com conotações de comportamento desviante. Por vezes, o suicídio foi tolerado, por

mobilizar a ambiguidade de julgamentos ainda que se constitua como antagônico à ideia de saúde, bem estar e qualidade de vida, tão propagada na atualidade (FEIJOO, 2018, p.106).

Além disso, outra característica desse período histórico que deve ser mencionada é a diferença nas atribuições ao gênero, ou seja, não é sem querer que haja diferenças relevantes nas estatísticas do suicídio. A tentativa de suicídios é o dobro em mulheres. Já a morte por suicídio, dentre os homens, é maior. As escolhas dos métodos também respondem à essas demandas assim como os denominados fatores de risco e fatores de proteção. São elementos constituintes desse mundo que não cede espaço para que todos possam ser.

Esses fatores são subjetivos e, portanto, a depender do contexto podem se figurar como bom ou ruim para cada pessoa. É claro que eles podem ser considerados quando respondem para além da lógica normativa, como por exemplo, quando se fala sobre os serviços destinados à saúde mental e o trabalho em rede.

2.4 Marcas da prevenção

Um dos elementos motivadores para a elaboração desta revisão bibliográfica foi a ideia da prevenção do suicídio - de como ela foi construída e como é difundida nos dias atuais. A compreensão da prevenção em uma perspectiva atual declara, que é possível “antecipar uma ação humana por meio das identificações das características da personalidade” (FEIJOO, 2018, p.87). Nesse sentido, seria simples entender, que por meio da observação de comportamentos, seria possível evitar fenômenos indesejados, como o suicídio, por exemplo. O objetivo da prevenção como ela se apresenta no mundo atual é poder prever e controlar comportamentos que não se adequam ao mundo que existe hoje, da maneira como ele se apresenta.

Os estudos da suicidologia põem em evidência, portanto, que a imprevisibilidade e todas as outras inúmeras possibilidades que possam levar ao ato de dar fim à vida são desconsideradas, bem como o sentido que este ato possa ter em um determinado contexto. Esses estudos categorizam o suicídio como doença e, como tal, deve se submeter aos mesmos procedimentos que as demais patologias (FEIJOO, 2018, p.133).

É de se imaginar, nesse sentido, que seria possível antever e controlar o fenômeno, como forma de prevenir sua incidência (FEIJOO, 2018, p.133). Contudo, propõe-se aqui um espaço para pensar o cuidado de cada um, levando em consideração não só o contexto ao qual cada um de nós está inserido, social e psicologicamente, como também, considerar “caráter incontornável da liberdade na existência” (FEIJOO, 2018, p.14), o que quer dizer que, no limite, cada um é responsável pelo seu próprio existir, justamente porque o ‘existir’ de cada um de nós é singular, porque o cuidado é intransferível.

A ideia de propor a prevenção em seu caráter de acolhimento e abertura de espaço de escuta e construção àquele que diz querer acabar com sua vida (FEIJOO, 2018, p.88), não é difundida, porque o fenômeno de pôr fim à própria vida não tem espaço na maneira como as relações se dão e nas coisas com as quais temos que nos preocupar nos nossos dias, como por exemplo, pensar a produtividade e as funcionalidades constantes com as quais a maioria das pessoas lida. O pensar no suicídio a partir de uma perspectiva psicológica e que tenha como premissa o respeito à liberdade do ser como ele se apresentar em cada momento, prevê uma atuação que “aconteça em um caráter de acolhimento atento e respeito e não de tutela e/ou controle” (FEIJOO, 2018, p.101). Ou seja, pensar o suicídio não necessariamente inclui pensar sua prevenção - primeira e nem exclusivamente.

A moral de cunho jurídico se institui com Santo Agostinho (354 - 430 D.C.) e assim inaugura-se a interdição do suicídio (FEIJOO, 2018, p.73) e as decorrentes estratégias preventivas. Já a questão moral é marcada por ter aparecido pela primeira vez, nos estudos científicos de Esquirol em 1827, data na qual o suicídio passa a ser considerado problema de caráter psiquiátrico. Isso mostra que há uma extensa quantidade de dados relativos ao fenômeno do suicídio que influenciaram e continuam induzindo o pensamento pós-moderno para o proibicionismo do suicídio como forma de evitá-lo a qualquer custo.

Recentemente, foi promulgada uma nova lei - n° 13.819, de 26 de Abril de 2019 - que institui a Política Nacional de prevenção da automutilação e do suicídio, a ser implementada pela união, em cooperação com os Estados, Distrito federal e municípios, e altera a lei n° 9.656, de 3 de Junho de 1998. Tal promulgação, ainda que muito recente, pode ser bem-vinda se, de fato, visar a promoção da saúde mental e não somente a interdição do suicídio, sem um contexto em que faça sentido fazê-lo.

O suicídio é sempre idealizado, primeiramente, como uma violência ao próprio corpo, sem ser ponderado o sentido que esta pode ter na vida de cada pessoa, ou seja, o que isso representa, quais são os significados por trás dessa ação. O livro “Suicídio entre o morrer e o viver” traz uma pontuação que parece fazer muito sentido nesse momento: sendo o suicídio considerado uma forma de violência, “os discursos disciplinares, a moralidade, estigma a que são submetidos esses indivíduos, também o são. Por que algumas mortes são consideradas mais nobres que as outras? Uma vida longa é necessariamente melhor que uma breve? (FEIJOO, 2018, p.36). Isso não é uma convocação à banalização do suicídio, mas sim uma articulação de dados que podem ser postos em questão, para que novos elementos sejam trazidos à essa complexa trama de sentidos.

O quanto as determinações do horizonte histórico cadenciam a compreensão do suicídio? É possível a suspensão da conduta moralizante vigente, que se norteia em uma psicopatologização e biopolítica detentoras do controle da vida e da saúde, para se ter acesso à dinâmica existencial da experiência de dar fim à vida? (FEIJOO, 2018, p.107)

2.5 Apresentações do fenômeno

Como mencionado anteriormente, esse trabalho não tem a intenção de esgotar o debate acerca do tema do suicídio. Contudo, tendo em vista, uma discussão mais ampla e completa, que contemple várias esferas por onde esse tema perpassa, serão adicionados alguns conceitos que agregam ao conteúdo. As concepções, que são suicídio assistido e eutanásia, se diferem sobre a noção de suicídio que vinha sendo discutida.

A eutanásia, que é o ato de proporcionar morte sem sofrimento a um doente terminal atingido por afecção incurável ou dolorosa, é definida juridicamente como o direito de matar ou morrer por tal razão. Geralmente a eutanásia é realizada por profissional de saúde mediante pedido expresso da pessoa doente.

Hoje no Brasil, a eutanásia é crime, sendo tipificada como homicídio doloso, privilegiado pelo código penal:

Artigo 121 - Matar alguém: pena - reclusão de 06 a 20 anos.

Artigo 122 - Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça: pena - reclusão de 02 a 06 anos se o suicídio se consumar ou 01 a 03 anos se a tentativa de suicídio resultar lesão corporal de natureza grave.

A eutanásia é legalizada em alguns países como na Holanda e na Bélgica desde 2002, através de legislação bastante liberal. Na Holanda desde sua promulgação a lei incluiu a possibilidade de menores de 12 anos requererem eutanásia. Na Bélgica, ato aditivo promulgado em 2014, incluiu solicitações de menores “com poder de discernimento”. Decorrente disso, grande debate global surgiu com inúmeras questões éticas a favor e contra para ampla reflexão.

O que se sabe: é que apenas Holanda e Bélgica hoje aprovam a possibilidade de menores receberem o ‘benefício’ da eutanásia. O que é novo: uma descrição sistemática de conceitos e argumentos éticos baseando o debate, que tem sido reportada em literatura ética baseada em argumentos. O que é necessário para o debate é uma abordagem ética que construa um processo de tomada de decisão, na qual o ser possa ser capaz de decidir por ele mesmo o que parece fazer sentido em sua vida.

O suicídio assistido é a terminologia utilizada para a prática segundo a qual pacientes terminais decidem por encerrar a própria vida, fazendo uso de medicamentos prescritos por médicos, em países nos quais a legislação permite.

Reed P (2019), discute em seu artigo⁹ a forte tendência atual de analisar o quão apropriado o termo “suicídio” pode ser quando empregado nesse contexto, uma vez que não há embasamento conceitual ou filosófico. Logicamente, qualquer estratégia possível para evitar o termo suicídio, pode se contrapor à legalidade da prática, que se resume a “auxiliar no processo de morrer”. Neste processo, potentes agentes analgésicos administrados por médicos (em alguns países como a Alemanha) devem corresponder ao desejo dos pacientes.

Diversas pesquisas são realizadas acerca do tema, o que faz com que a produção acadêmica dos dados sobre suicídio assistido seja cada vez mais expandida. Alguns artigos demonstram como as determinações legais devem ser claras, e a literatura sempre atualizada. Hoje em dia, na Alemanha, por exemplo, foram desenvolvidas 4 categorias diferentes de eutanásia, que discorrem sobre a participação de outras pessoas no ato (ativa/passiva, direta/indireta).

⁹ “Is Aid in dying suicide?”

3 POSSÍVEIS SENTIDOS PARA O SUICÍDIO

No segundo capítulo buscamos contextualizar o fenômeno do suicídio em tempo e espaço, bem como, ampliar a compreensão deste para abarcar a pluralidade de sentidos que evoca, além de demarcar diferenças na legislação entre alguns países e enfatizar os diferentes entendimentos do senso comum e do atual cenário cultural brasileiro sobre o suicídio.

No terceiro capítulo propõe-se a reflexão do suicídio como uma possibilidade de escolha do SER-NO-MUNDO e como isto se relaciona ao entendimento do *Dasein*, segundo uma perspectiva Heideggeriana. O gatilho aqui é procurar olhar para o fenômeno do suicídio como ele se mostra, evitando ajustá-lo ao conhecimento já disseminado.

A partir da fenomenologia hermenêutica de Heidegger apresentada no parágrafo sétimo de *Ser e tempo* (1927), fica evidenciado que o empenho fenomenológico volta-se para a explicitação do sentido do ser, ou seja uma fenomenologia enquanto método que possibilita uma ontologia, possibilita que o ser humano não só olhe para suas possibilidades como possa e queira escolher a partir desse olhar. Como disse Heidegger (2009): “O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados” (p.75). Essas indicações entre outras, abrem a possibilidade de se pensar na pesquisa que desvelar os possíveis sentidos para o suicídio, entendido como o ato intencional de matar a si mesmo – de morrer, de deixar essa existência. Sabe-se que essa intenção de se matar pode ser ocasionada por perturbações emocionais, atos de extrema impulsividade, portanto de descontrole que leva a pessoa à morte. Von Gebattel (1883-1976) no seu artigo “O mundo dos compulsivos” utiliza-se da expressão grega *anankastico* que deriva da palavra *ananke* que significa fora e fatalidade – de se ver arrastado pelo destino, sentir sua inevitabilidade e a impossibilidade de escapar dele, como muitas vezes experimentam alguns pacientes. Nesse sentido, os atos compulsivos e seus rituais encontram-se associados a esta condição existencial e é possível entender que certos atos impulsivos e incontidos levam algumas pessoas ao suicídio ou à exposição dessa possibilidade. Sob o ponto de vista hermenêutico, qualquer ato, mesmo esta condição de impulsividade irrefreável, deve contemplar algum sentido na existência do ser-aí.

Para compreender alguns dos elementos que perpassam o suicídio, é necessário que a este seja concedida a possibilidade de ser mais do que uma desordem mental, falta de equilíbrio ou ausência de amor à vida. Isso porque, algumas das características da atualidade estão relacionadas à supervalorização da vida e tem como ordem maior o manter-se vivo, “evidencia-se, aí, que o suicídio é uma pedra que interrompe o caminho indicado pelo poder hegemônico, que preconiza a ordem e a vida acima de qualquer coisa” (FEIJOO, 2018, p.109). Todas essas opções são pautadas por uma sociedade regida pela lógica positivista, que procura sempre se basear nas - denominadas - leis naturais. Nesse sentido, a psicologia é considerada herdeira disso e também busca produzir conhecimento que seja capaz de prever o que vai acontecer, de certa maneira. Ela entende o ser humano através das leis naturais, compreendendo-o como um *ente* natural. Por isso é importante esclarecer que o trabalho presente não corrobora com a intenção de procurar compreender possíveis causas para que possam ser conseqüentemente prevenidas.

Ainda que a procura pela verdade incontestável seja algo distante da psicologia, a compreensão do suicídio vem desse modelo de ciência pragmático e por isso a prevenção está sempre no ponto focal da discussão, ou “o modo como o suicídio se estabeleceu no decorrer de nosso horizonte histórico, sendo afetado por determinações moralizantes, que foram se sedimentando como tabu, por meio da ideia hegemônica de supremacia da vida” (FEIJOO, 2018, p.111).

Em aula, na eletiva do professor Marcelo Sodelli, que contribuiu muito para a compreensão acerca dos sentidos do suicídio e também fez refletir sobre inúmeros aspectos que muito relevantes em relação à vida que se vive, levanta-se a questão sobre se, por estarmos inseridos nesse modelo de ciência positivista, nosso ser é atravessado por uma positividade, no sentido de estarmos obrigatoriamente sempre certos de que há a necessidade de se estar completo e pronto, além de feliz. Nesse sentido ainda, também questiona-se sobre o que nos faz querer continuar vivos. Seria esse o natural do ser humano? Mas o que é o natural? A vida por si só já não é mais completamente natural.

A morte é capaz de tornar singular a experiência de vida, no sentido de que só eu posso compreender o que é a minha morte ou a minha quase-morte (para aqueles que já tentaram o suicídio), só eu posso compreender qual o sentido da minha vida. Nesse sentido, nosso ser não tem determinação, e não tendo essência, nós precisamos do outro para que haja sentido, a gente precisa do mundo e também

dos outros. Ao mesmo tempo que a relação com o outro é fundamental, ela também pode aprisionar, “nós também é nó” (SODELLI, 2018¹⁰).

Nosso ser não traz definições de quem somos, é a abertura¹¹ que possibilita nossos modos de ser, ela possibilita nossa história justamente por afunilar modos de ser. A nossa essência poderia ser considerada essa abertura, mas ela não nos determina. Essa ideia rompe com a ideia de homens e mulheres como entes naturais, nosso ser não segue o que se chama de leis naturais. Ninguém nasceu para ser o que é, nós somos uma possibilidade disso. “A natureza humana é não ter uma natureza” (SODELLI, 2018¹²).

Ser *Dasein* traz essa responsabilidade para cada um, tem-se que cuidar do ser que é de cada um (porque ele não está pronto e nem estará). Ao ser ser humano, se é ser-com-os-outros, justamente porque, apenas por tratar o bebê como humano é que ele se torna tal, isso quer dizer que o ser do bebê não está dado naturalmente. Nosso modo de ser vai sendo construído a partir da relação com os outros. A eletiva de Suicídio ministrada pelo professor Marcelo Sodelli - “Fenomenologia do Suicídio” - auxiliou também na compreensão de que para a Fenomenologia não há garantias de que o *Dasein* se torne humano só por pertencer à categoria de humanos, é necessário cuidado. Cuidado este que convoca o ente a colocar-se atento à sua existência - o tempo todo e para sempre.

O homem estabelece valores, em um determinado momento histórico, movido por suas necessidades. Contudo, com o passar do tempo, esse momento de prescrição se obscurece, caindo no esquecimento, e tais valores, que foram postulados para atender às necessidades específicas de um tempo, vão se sedimentando a ponto de serem considerados como naturalmente dados (FEIJOO, 2018, p.110).

Nesse sentido, surge a indagação de por quê a morte incomoda tanto, e para além disso, também surge a reflexão a partir daqueles que procuram adiantar o fim da vida, colocando-os como aqueles que “nos apontam uma situação limite da existência e provoca estranheza na medida em que nos lança diante de um mistério

¹⁰ Citação em aula do professor Marcelo Sodelli, na eletiva de Suicídio sob uma perspectiva Fenomenológica Existencial.

¹¹ Para a Fenomenologia Existencial, a abertura são as condições ontológicas naturais e ela não pode ser considerada a essência do ser humano porque ela não a determina.

¹² Citação em aula do professor Marcelo Sodelli, na eletiva de Suicídio sob uma perspectiva Fenomenológica Existencial.

inegável” (FEIJOO, 2018, p.22). Isso porque adiantar o fim da vida é visto como algo completamente incompreensível sob algumas óticas.

A procura da explicação do sofrimento nesse processo toma um espaço quase que integral e não porque o sofrimento está presente em tudo, mas porque o lugar da dor é realçado e tido como única explicação, para que algumas pessoas optem por acabar com suas próprias vidas. Isso porque, muitas vezes, é mais simples acreditar que o sofrimento é o desencadeador daquele ato, desconsiderando o contexto social e pessoal daquela existência. Essa mesma dor que como tonalidade afetiva fundamental nos faz ser nós mesmos, nos faz não fugir de nós mesmos, dilacera mas reúne e integra, buscar nos fazer estar aqui.

A dor é fundamental porque rasga a possibilidade de não estar aqui, prende cada um ao corpo que é próprio, reúne o ser de cada um, e, nesse sentido, organiza e possibilita um outro modo de estar presente. A dor presentifica.

Da perspectiva da Fenomenologia Existencial, entende-se o que o outro vê e sente a partir do lugar que ele vive, ou seja, a dor que ele experimenta ou o sofrimento que ele sente são vividos por ele como não são vividos por mais ninguém. Isso quer dizer que cada pessoa se percebe no mundo e a partir disso experiencia as diferentes fases desse movimento de percepção do seu lugar próprio e específico. Nesse contexto, fala-se em individualizar a dor da pessoa que sente, suspendendo o que pode ser tido como ‘a priori’ para que o fenômeno se apresente e para que se realize “o movimento de seguir o fio condutor da questão para chegar aos pilares que sustentam as concepções prévias do fenômeno e destruí-los, para que possamos então permitir a manifestação de novas formas de compreensão do fenômeno” (FEIJOO, 2018, p.14).

Tendo em vista uma organizada explicitação de dados, busca-se trazer aqui, exemplos presentes na literatura, que demonstram um pouco sobre como a cultura lida com o fenômeno do suicídio.

Pode-se pensar em suicídios como de Stefan Zweig (1881-1942) um escritor, romancista, poeta, dramaturgo jornalista e biógrafo austríaco de origem judaica que em fevereiro de 1942 se suicidou. Tudo leva a crer que Zweig e sua esposa estavam estarecidos com a expansão da barbárie nazista na Europa, Zweig estava exilado no Brasil num lugar paradisíaco de Petrópolis. Algumas interpretações para o suicídio levam em consideração o seu sentimento de culpabilidade por ter se livrado dos nazistas na Europa e da morte, nesse sentido, não se achava merecedor da vida. Muitos são os sentidos para o suicídio, pode-se

pensar a possibilidade do suicídio diante da insuportabilidade de se viver com a disposição afetiva da angústia, ou seja, do esvaziamento do sentido. O esgarçamento do sentido faz com que o ser-aí não se sinta em casa, um estrangeiro no mundo, nesse sentido o suicídio se apresenta como uma possibilidade, outros enfrentam essa disposição afetiva moldando a sua existência a partir dela como o médico e filósofo americano William James (1842-1910), que testemunhou essa disposição afetiva como presente em sua própria vida. Pode-se dizer que muitos filósofos, pensadores e artistas, fizeram da angústia a sua busca pessoal, ou seja, o lugar onde plantaram as suas inquietudes: Sören Kierkegaard; Franz Kafka; Edvard Munch que pintou em 1893 “O grito” e em 1894 “A ansiedade”.

Também, o filme *Mar adentro* (2004) dirigido por Alejandro Amenábar, trata a história real de Ramón Sampedro (Javier Bardem) um homem que lutou por querer se suicidar. Como ele se encontrava tetraplégico, ele mesmo não podia fazê-lo, então recorre a várias instâncias: legais, religiosas, médicas para realizar o seu intento. Cabe ressaltar que quando ele se encontrava bem ele havia tentado o suicídio, mas ao mergulhar em águas rasas lesou a cervical, ficando paraplégico. Nesse sentido, vale lembrar a discussão anteriormente realizada, acerca das noções de eutanásia e suicídio assistido, e como cada uma delas acaba adquirindo um sentido social e conseqüentemente um entendimento de valor. Isso deve ser entendido sabendo que fala-se de um lugar no qual a compreensão ontológica é levada em consideração já que parte de uma premissa básica, a qual seja: “a saber, assumir uma lei, uma ordem absoluta e mais originária que rege toda dinâmica vital e, a partir da qual, cada ser mostra-se no mundo” (FEIJOO, 2018, p.149).

Os exemplos na arte delineiam, entre outras coisas, que o significado de pôr fim à vida refere-se, não somente ao comportamento específico, mas também as diversas situações nas quais este pode se realizar, e a conjuntura envolvida no ato. (FEIJOO, 2018, p.25). Algo que acaba tornando esse olhar ainda mais complexo é o fato de que o suicídio é sim uma face de todo ser humano, uma possibilidade de cada um de nós, e por isso, evoca tanto pavor. Assim como pensar suicídio é pensar em morte, pensar o suicídio é pensar a existência. Isso quer dizer que, sendo, o ser-no-mundo é ser-para-a-morte. O ser-aí morre cotidianamente. E apesar de ser reconhecido que o ser humano é finito e transitório, ou seja, que sua única possibilidade é a de não-mais-ser-aí, é missão impossível não aspirar à longevidade (FEIJOO, 2018, p.30). Talvez por isso o suicídio seja o tabu que é. O ser humano, tendo a certeza de que a vida é um bem supremo, tem dificuldade de lidar com a

possibilidade de que alguém pode querer escolher quando e como acabar com a própria vida, o que vai na contramão de resguardá-la a qualquer custo (FEIJOO, 2018, p.70).

A aproximação do fenômeno fugindo de premissas como doença, sofrimento, prevenção e desespero (FEIJOO, 2018, p.69) pode parecer inicialmente improvável, porém com alguns dos argumentos aqui expostos é possível começar a construir uma lógica na qual o ser-aí aceite que também é um ser-para-a-morte, e isso inclui admitir que qualquer um está sujeito à morte e ao desejo de morrer.

Se o caminhar antecipatoriamente em direção a morte perfaz a autenticidade da existência humana, então o homem precisa, para existir autenticamente, pensar constantemente na morte. Se ele tenta fazer isto, ele não consegue suportar a existência e a única via deste existir autêntico é o suicídio. A questão é que buscar a essência da existência autêntica do homem no suicídio, na aniquilação da existência, é uma consequência tão insana quanto absurda. (HEIDEGGER, 2003, p.337¹³)

É essencial contornar o fato de que sim, há sofrimento no morrer e há sofrimento no suicídio mas isso porque há sofrimento sempre, em todas as fases da vida, a dor é inerente à existência, ela pode ser identificada na base de qualquer conduta humana (FEIJOO, 2018, p.81). Heidegger (2010), inclusive, assume a posição de que tudo que faz viver, faz também doer (FEIJOO, 2018, p.80).

Aquelas pessoas que demonstram alguma ideiação ou dúvida frente ao pôr fim à vida colocam seu viver e seu morrer como possibilidades existenciais (FEIJOO, 2018, p.98), o que, de fato, são. Posicionar essas mesmas pessoas dentro de estereótipos e recriminações não faz nada além de desmerecer o olhar singular daquela pessoa para sua própria existência. Perde-se de vista, “o sentido existencial do ato” (FEIJOO, 2018, p.75), a moralização é tão empobrecedora porque, entre outras coisas, nega o exercício da liberdade do existir. Não é objetivo deste trabalho responder à essa pergunta em específico, mas vale a indagação do “por que uma pessoa não pode desfazer-se de sua existência quando a vida deixa de ser carga para ser sobrecarga?” (FEIJOO, 2018, p.81). A negativa da autonomia tira a possibilidade da pessoa pensar o seu próprio existir e o seu próprio morrer, eles acabam se tornando fatos do cotidiano controlados pelo externo. É passível de

¹³ TEIXEIRA, 2018, p.120.

ponderação, nesse sentido, que na condição de indeterminação e liberdade do ser-aí, as pessoas conquistam a possibilidade de decisão de existir ou não, bem como a possibilidade de imprimir diferentes interpretações para o fim da vida (FEIJOO, 2018, p.108).

O ser-no-mundo é abertura, é estar aberto para a mundanidade em todos os planos e esferas, inclusive em seu modo de ser-com, de compartilhar (GIACCOIA, 2013, p.74), de relacionar-se.

Não há ser-o-aí sem mundo, nem mundo sem ser-o-aí. é nesse sentido que a fenomenologia existencial de ser e tempo é também uma ética originária do cuidado de si e do cuidado do mundo. É nessa condição que se ancoram as duas possibilidades de ser que mais profundamente penetram na raiz da facticidade: o existir autêntico, como ser si-próprio, e a existência inautêntica: o impessoal. (GIACCOIA, 2013, p.74).

O ser vive no ôntico mas se sustenta pelo ontológico, o ser-aí é ontológico porque ele está sempre no mundo. Estando no mundo e não tendo essência, ele deve lidar com os sentidos e possibilidades que lhe são apresentados. Nesse sentido, o modo impessoal abre-se como uma força que possibilita a vida do ser, ele representa uma trama de sentidos já sedimentados no mundo, ele facilita o viver justamente porque nele as pessoas são exoneradas de ter que serem elas mesmas. A cultura, por exemplo, só existe porque responde ao impessoal.

Ontologicamente, o ser é livre e lidar com isso acaba por se tornar uma carga enorme, um desafio e quase uma ameaça. Por isso, se entregar à existência cotidiana, à vida impessoal, acaba por desobrigar o ser de sentir angústia, culpa. Diz-se, nesse sentido, que a fuga para a impropriedade possibilita que as pessoas se sintam confiantes, esperançosas, sintam que podem sobreviver no mundo. E no momento em que isso se abala, o suicídio destaca-se como algo que passa a fazer mais sentido.

O modo existencial impessoal acaba por tranquilizar o ser humano, mas também aliená-lo da existência na sua temporalidade. A morte é o fim da existência, no seu mais autêntico sentido de fim. E quando nasce, o ser-aí está sujeito e predestinado a não mais viver, “a morte é a possibilidade ontológica que a própria presença - *Dasein* - sempre tem de assumir, pois com a morte, ela (a própria presença - *Dasein*) é impendente sem seu poder mais próprio” (CAMPOS, 2013, p.1).

Ser-o-aí, desde sempre, é projeto, poder ser, possibilidade de ser. Por isso mesmo, é também possibilidade de não ser, em dois sentidos. Primeiro, o de não ser si-próprio, de existir anonimamente sob a capa e o manto da publicidade, de fugir de si, aderindo ao modo inautêntico e impróprio ser ou existir - ao que corresponde o faltar a si mesmo. (GIACOIA, 2013, p.81)

Essa condição carrega o viver de angústia, já que este está sempre mergulhado em possibilidades, e também está e estará sempre dependente de uma finitude irrefreável. Contudo, é imprescindível mencionar que a angústia também convoca. Ela traz para perto, o não-desejado e contundente modo de existir que considera a temporalidade do *Dasein*, incluindo o fato de que o futuro, assim como nós, é indeterminado e se revela com aquilo no qual a existência é projetada. Nesse sentido, o suicídio pode aflorar uma alternativa de renúncia à vida vazia em seu vir-a-ser, mostrando como a temporalidade acaba por influenciar as decisões existenciais do ser-aí mesmo que seja em seu vir-a-ser.

Na eletiva também foram esclarecidos alguns sentidos para o suicídio que acabaram por perpassar o fato de que os caminhos da vida são construídos pelas escolhas que são feitas, e nesse sentido, a decisão de não mais viver pode ser o protagonismo de um ser-aí que decide agir com o que fizeram dele, é também por isso que a condição do ser-para-a-morte pode ser considerada uma manifestação radical da autenticidade do ser-aí.

O que o *Dasein* faz com toda essa abertura que lhe é dada pode ser entendido como o que marca os limites da relação consigo próprio e com os outros, a ocupação e a preocupação, é o cuidado deste ente com o seu existir e com o seu ser-com-os-outros (TEIXEIRA, 2018, p.117). Justamente pela condição de liberdade fundamental, quando se é, além de poder ser, há a obrigação de se ter que ser. Esta compreensão é importante porque ninguém existe no lugar de outra pessoa, e também, ninguém morre uma morte que não a própria (TEIXEIRA, 2018, p.82), portanto, é de se imaginar que a experiência tida suicida, ainda que caracterizada como aniquilamento existencial (FEIJOO, 2018, p.187), toma um sabor diferente em cada corpo que possa vir a percorrer, ou seja, não necessariamente a pessoa que se mata, busca, rigorosamente, o aniquilamento da sua existência.

Esta abertura é dada de 3 modos, sendo eles a linguagem, a disposição afetiva e a compreensão, “somos uma compreensão afinada em uma tonalidade

afetiva e com linguagem, em uma perspectiva temporal” (SODELLI, 2018¹⁴). Sendo a tonalidade afetiva o modo como se está, pode-se entender que o ser-para-a-morte, já trazido em alguns momentos, abre duas tonalidade afetivas negativas. A angústia que representa a percepção da própria finitude e a noção de que o tempo está completamente atrelado ao que se vive e ao que deixa de se viver, gerando muitos questionamentos em relação à própria temporalidade. E a tonalidade afetiva da culpa que representa o ente que sendo, descobre que tem fim, e por isso, cobra-se de que precisa ser, escolher, querer, ou seja, precisa se cuidar. Esse entendimento atinge outra dimensão porque demonstra que é necessário e incontestável cuidar do seu cuidado.

O suicídio pode ser visto como a impossibilidade de lidar com certas tonalidades afetivas, como nojo, dor, vergonha, e isso pode ser muito atormentador e complexo. Lidar consigo próprio com o seu existir, com a vida que é sua, pode ser extremamente árduo e penoso.

Isso pode ser estendido para a aceitação de cada um enquanto ser incompleto, para a experimentação do nada, da nadidade, “como ser-no-mundo temporal e finito, o ser-o-aí é: constitutivamente (isto é, ontologicamente) ser-para-a-morte: abertura existencial para a possibilidade de não ser, ente que se compreende como tal”. (GIACOIA, 2013, p.81). A abertura se desdobra no mundo e faz com que a experiência de cada um seja de outra ordem, o que quer dizer que o modo como cada um cuida de si abre possibilidade para as tonalidades afetivas que são muito potentes.

Não há garantia de que este cuidado, entretanto, mesmo considerado com o tempo, irá levar a contestação de que a vida ainda vale a pena ser vivida. No impessoal ou no próprio, estando no mundo, o outro continua sendo a referência. Assim como, a trama de sentidos é capaz de presentificar porque atesta a existência, qualquer coisa para ser algo tem que estar em relação.

Ampliando a compreensão sobre o existir, pode-se aceitar diversas perspectivas. Se por um lado, agora é tempo de estar aqui. Por outro, é passível de entendimento que só a história de cada um reflita o sentido daquela existência e como ele se apresenta.

¹⁴ Citação em aula do professor Marcelo Sodelli, na eletiva de Suicídio sob uma perspectiva Fenomenológica Existencial.

4 SUICÍDIO E SENTIDO DE VIDA

O quarto capítulo deste trabalho de conclusão de curso tem como objetivo articular o estreitamento da compreensão do sentido da existência do ser-aí. Isso quer dizer, procurar compreender que o ser-aí sendo um ser de sentido com projeto de ser, busca significar a sua existência através de um empreendimento que faça sentido dentro do seu horizonte de possibilidades. É pensar a existência de cada um de nós como algo que faça sentido, necessariamente, contextualizada às individualidades.

Como pôde ser observado ao longo dos capítulos, na História, ao suicídio já foi concedida diferentes conotações. Como no momento em que “se atribuía ao agente desse ato, por seu feito, um lugar de destaque na comunidade e que, na maioria das vezes, tinha uma motivação relacionada a algo em prol da coletividade” (FEIJOO, 2018, p.106), caracterizando-o como ato heróico. Esse mesmo percurso histórico, por outro lado, também já o qualificou enquanto pecado, ofensa contra Deus e crime contra o Estado (FEIJOO, 2018, p.106), tornando-se inconstitucional em alguns países¹⁵.

É necessário assinalar que na procura pelo que faça sentido, o suicídio pode se delinear como uma possibilidade - e não só por ser, invariavelmente, uma faceta de cada um de nós. Mas também porque dentro do contexto de vida, por inúmeras razões, algumas das quais pretende-se demarcar aqui, o ato de pôr fim à própria vida faz sentido. Uma das razões pode, inclusive, estar conectada à exaltada procura por si mesmo.

O suicídio pode ser percebido como uma forma desesperada de se apropriar da vida, de seu próprio ser, mesmo que seja eliminando-o, o que não deixa de ser uma maneira de encarar o destino próprio do homem, como um ser-para-a-morte. (DUTRA, 2011, p.156)

Por outro lado, há de se pensar também na lógica de pensamento na qual: “querer deixar de existir não pode estar relacionado com falta de sentido; uma vez que o sentido se dá em campos intencionais, e não existir faz sentido, ou seja, a decisão de não mais viver remete àquele que decidiu a um horizonte em que não viver faz sentido” (FEIJOO, 2018, p.87). Isso quer dizer que no horizonte de possibilidades de uma pessoa, o não mais existir é o que pode fazer mais sentido

¹⁵ Itália, França e Alemanha são alguns dos países nos quais o suicídio era inconstitucional. A Inglaterra foi o último país a discriminar o suicídio em 1961.

em algum momento da vida, e não necessariamente estar conectado à loucura, ao desespero, ao que deve ser contornável. Esse é o movimento de ampliar a compreensão sobre o existir.

Não faz parte dos propósitos deste trabalho deslocar completamente a possível influência do desespero, mas sim, procurando compreender o fenômeno para além do que o desespero produz. De acordo com FEIJOO (2018), “o desespero que conhece a si mesmo ainda pode se manifestar de duas formas: seja o desespero que não quer, seja o desespero que quer ser si mesmo” (p.83).

Por isso também que, nesse sentido, se fala em termos de motivos e não necessariamente de causas frente à decisão de pôr fim à vida. Causa diz respeito à ordem da necessidade e motivo, à ordem da possibilidade (FEIJOO, 2018, p.86). Deixar de existir também contempla um sentido, o sentido de que existir não faz mais sentido. O ser humano (ser-aí) está sempre alocado num sentido, essa é sua condição, quer seja ele próprio ou impróprio (impessoal).

Justamente porque o suicídio carrega algumas atribuições em seu significado, pode ser caracterizado de diferentes maneiras, inclusive atribuído de julgamento de valor, como um ato de coragem ou de covardia - a depender da sociedade e do tempo/espço histórico.

Há a lógica que afirma “a vida como uma produção que deve se dar em sua docilidade, utilidade e moralidade” (FOUCAULT, 1982), de acordo com a perspectiva biopolítica. Isso pode ser observado, por exemplo, em diferentes correntes religiosas que impõe a vida como o bem máximo e que não pode ser ‘desperdiçado’, como ocorre na escolha pelo suicídio.

Do ponto de vista do cristianismo, o suicídio passa a se constituir como pecado quando a igreja constitui como doutrina a máxima de que ninguém tem o direito de acabar com a sua vida para alcançar uma vida melhor; ao contrário, aquele que se mata não irá para o mundo de Deus, irá para o inferno (FEIJOO, 2018, p.73)

Nesse sentido, tem-se o contorno de uma situação que não deixa espaço para que as pessoas possam se manifestar levando em consideração o que faz mais sentido no projeto de ser delas. Tem-se de um lado o que pode ser considerado o legado socrático ao homem moderno que coloca o fim do sofrimento como projeto de ciência (FEIJOO, 2018, p.81) e de outro as mais variadas esferas e

maneiras nas quais o desespero pode se manifestar, desespero esse que tende a ser visto como algo passível de medicalização e cura.

Existencialmente encontramos situações onde o ser-aí se expõe à morte em decorrência de um ato de salvamento, como se testemunhou em situações de riscos em que um pai ou uma mãe para salvar o seu filho toma uma decisão de extrema coragem se expondo a riscos que podem ser fatais. Nestes termos o sentido que guia essas ações são as intenções protetivas, salvacionistas, um ato de amor como se vê em expressões como: 'eu dou a minha vida para o meu filho'.

Os atos que podem ser considerados heróicos estão contidos em ações que zelam por um sentido maior e que a pessoa envolvida dá sua vida em favor de uma causa, de um motivo que a transcende. Podemos dizer que esse tipo de suicídio plenifica-se pelo sentido de algo que se quer preservar ou manter. O jovem "rebelde" chinês que em Pequim no dia 06/06/1989 se colocou na frente de um tanque de guerra é uma manifestação emblemática dessa condição heroica em favor da liberdade e da paz. Os presos políticos que lutaram contra regimes hegemônicos ditatoriais, de certo modo são exemplos de exposição em favor de sentidos que queriam preservar.

A percepção da possibilidade da morte é como uma alternativa, como algo que revela a vida que se vive. Pensar em suicídio é pensar em vida, é pensar em existir. E nesse caminho, ao "reconhecer como o mundo é", coloca-se como parte constituinte dessa experiência, o 'nós'.

Sendo o ser-para-a-morte a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável do homem como projeto, pode-se dizer que toda angústia aponta, em última instância, para o caráter temporal e finito da existência. A angústia como tonalidade afetiva coloca o *Dasein* em contato com o seu ser mais próprio, que é a existência como abertura de sentido. Por isso, o projeto de existência de uma pessoa pode ser o de não mais existir, ela pode escolher isso porque ela é um ser livre para escolher e para ser.

Importante adicionar que a depender da corrente, ao suicídio pode ser agregado diferentes valores e caráter de escolha. Segundo a visão sociológica de Émile Durkheim (1858-1917) em sua obra "O suicídio"(2000)¹⁶, o autor define suicídio "como toda morte, que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou

¹⁶ https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/787916/mod_resource/content/1/4.2%20-%20DURKHEIM%2C%20E.%20-%20O%20Suic%C3%ADdio%20-%20Cap.3.pdf - acessado em 19/05/2019

negativo da própria vítima, que esteja ciente que produz esse resultado”. Durkheim buscou identificar as “causas sociais” de suicídio e os seus tipos, procurando correlacionar situações de diferentes meios sociais (religião, família, sociedade política, grupos profissionais, etc) e a prática do suicídio.

Para o sociólogo, há três modelos isolados para categorizar o suicídio, baseados na relação entre aquele que se mata e a sociedade:

1. Suicida egoísta: os elementos motivadores seriam a falta de integração com seus pares e a inexistência aparente de razões para continuar a viver.

2. Suicida altruísta: as fortíssimas conexões entre indivíduos e o meio social acabariam por determinar a opção pelo fim da vida.

3. Suicida anômico: agiria movido por uma desestabilização repentina, mas capaz de desequilibrar seu lugar na coletividade.

Importantes casos de suicídios poderiam ser considerados segundo classificação de Durkheim (2000), como “suicídio altruísta”, por exemplo Sócrates e até Jesus Cristo, que serão descritos a seguir.

Já como “fato social”, que segundo Durkheim (2000), é quando se trata de um conjunto de suicídios em certa sociedade e em certo período, pode-se entender o “Efeito Werther”, também discutido no próximo subcapítulo. Importante salientar que apesar das categorias acima apresentadas serem relevantes para a compreensão da visão sociológica do suicídio, nem todos os clássicos exemplos estarão inseridos em alguma dessas esferas sociológicas, incluindo alguns dos exemplos que vem a seguir.

4.1 - Possibilidade para sedimentar posicionamento

4.1.1 Sócrates

Sócrates (470A.C. - 399A.C.) foi um grande filósofo grego - talvez um dos mais importantes filósofos da História, de acordo com quem, o saber é uma virtude. Nasceu em Atenas, filho de escultor e pedreiro e de uma parteira. Em sua juventude, participou de três campanhas militares, mas, apesar de ter ocupado cargos políticos, suas ideias dedicadas à filosofia, nunca foram aceitas pela aristocracia grega. Esteve sempre em busca da verdade, do bem e da justiça e seu sonho era ser um benfeitor da Humanidade.

Procurando incondicionalmente a verdade, suas frequentes perguntas sempre incomodaram aristocratas e políticos. Tal era o desconforto que Sócrates criava para esses grupos, que em ato extremo e absolutamente injusto, acabaram por condená-lo à morte, sob a acusação de não venerar Deuses, de introduzir inovações religiosas e de corromper os jovens de Atenas.

Apesar do absurdo do ato, Sócrates reagiu com serenidade e apesar de lhe ter sido dada a oportunidade de renunciar aos seus ideais, ele foi fiel aos seus princípios pela procura da verdade e pela imparcial prática da filosofia, abdicando de sua vida.

Decidido a dar cabo da própria vida, suicidando-se em nome de suas convicções, validando um contrato de honra, Sócrates recebeu uma taça de cicuta, que simbolizou um ato de obediência às Leis de Atenas e seu compromisso de fidelidade à sua missão.

Platão, seu fiel discípulo, deixou no diálogo Fédon um relato na tentativa de transformar a morte do seu mestre no último diálogo sobre ele e sua Filosofia. Nesse diálogo, Platão tenta defender o mestre da acusação pelos crimes de impiedade, corrupção de jovens e criação de novos Deuses. Platão oferece e discute vários motivos para a morte do mestre, mas o principal seria a própria filosofia definida por Platão a partir da vida de Sócrates, como uma preparação para a morte, na qual a alma é valorizada em detrimento do corpo, o inteligível em detrimento do sensível e a ideia em detrimento da dialética. Mas ainda hoje pairam dúvidas sobre a real motivação de Sócrates em aceitar passivamente a pena de morte e sobretudo resolver suicidar-se.

Sem nenhuma pretensão de julgamento, poderíamos aludir a duas possíveis motivações opostas, quando se pensa em possíveis razões para o suicídio de Sócrates, que estariam totalmente ligadas à sustentação do posicionamento, no qual havia se colocado durante a vida, alavez de princípios.

Johann Wolfgang von Goethe (1749 - 1832) em sua obra-prima “Os sofrimentos do Jovem Werther” (1774), que é um marco do Romantismo, um obra póstuma da escola literária romântica, traz todas as características desse Movimento e a revolução que ele suscitou na criação literária da época. No entanto é impossível compreender a magnitude desse clássico romance alemão, sem conhecer o contexto histórico, no qual esse movimento se insere.

“Os sofrimentos do jovem Werther” foi um divisor de águas na cultura e na ideologia do povo europeu do século XVIII. O movimento conhecido por “Sturm und

Drang” (tempestade e ímpeto) durou cerca de duas décadas (1760 - 1780) e deixou grandes marcas. Foi inspirado em uma deliberada oposição aos movimentos iluministas e racionalistas.

Os Stürmer (adeptos ao movimento) defendiam o homem como um ser dominado pelas emoções, sentimentos e desejos, com supervalorização do amor e idealização da mulher. Goethe em sua obra epistolar, traz uma coletânea de cartas que o protagonista Werther, envia para seu amigo e confidente Guilherme. Essas cartas irão retratar toda a frustração amorosa, angústia, tristeza e desilusão de Werther por não poder possuir sua amada, casada e inacessível Carlota. Sua narrativa é unilateral. Trata-se de um monólogo, visto que o leitor não tem acesso às respostas de Guilherme, embora esteja implícito que o mesmo se correspondia com Werther com frequência. Completamente certo de que seu sofrimento não cessaria tão cedo, ele, Werther decide pôr fim à sua tristeza da única forma que lhe parecia possível: tirando a própria vida, dando-lhe um tiro em sua cabeça.

Na obra, faz-se presente o “trágico” - o elemento que era a característica principal das tragédias gregas - e que aparece nessa obra através do desfecho, em que o protagonista se suicida. Neste caso, a opção pela morte é ocasionada por um amor não correspondido, por uma frustração, com a qual o jovem Werther não consegue lidar.

A publicação dessa obra, teria supostamente suscitado a ocorrência de uma série de suicídios de jovens, que ao lerem o romance, se identificavam com os sofrimentos do personagem, provocando o que ficou conhecido como “efeito Werther” (*Wertherfieber*). Esse crescente e considerável aumento das taxas de casos de suicídio por toda a Europa e pelo Mundo, foi também atribuído à possível influência do romance de Goethe nos jovens amantes do século XVIII, visto que em muitas situações corpos foram encontrados com um exemplar do livro em seus bolsos. Goethe teve, portanto, sua obra prima proibida em diversos países da Europa.

“O silêncio expressa algo mais difuso, mas não menos eloquente, derivado das crenças conjugadas, de que o suicídio pode ser, de certa forma, contagioso, transmissível a suicidas em potencial” (DAPIEVE, 2007, p.14). A ideia de contágio já apontada no estudo de Durkheim, ganhou força sobretudo com o romance de Goethe.

4.1.2 *Jesus Cristo - “suicídio altruísta”*

A Igreja e o Estado sempre execraram o suicídio, porque o indivíduo fugia do controle de tudo, inclusive, das instituições ao se matar. A Igreja, no entanto, foi através do tempo, alterando sua visão e conseguiu através da fé, consagrar o martírio.

A tese de que Jesus Cristo teria vindo ao mundo para morrer, explicaria o fato de ter sido o tão execrado e suicida Judas, apenas o instrumento dessa missão.

Uma heresia medieval dizia que “Judas era o verdadeiro messias, porque sem ele, não teria havido a redenção de Jesus e a mensagem não teria sido transmitida”.

Sem sombra de dúvida, o comportamento dos mártires do cristianismo pode ser visto como suicida, na medida em que o “fato de se entregar à morte em nome de uma missão”, representa ato de bravura e de redenção. No entanto, embora haja entre martírio e suicídio um ponto de contato, este marca oposição e não semelhança. O mártir valoriza a vida de tal modo, que a torna digna de ser oferecida a um deus. O martírio pode ser encarado como oferecimento e dádiva, enquanto, no senso comum, o suicídio é considerado subtração e recusa.

Jesus Cristo teria sido, sem dúvida, o primeiro mártir da História a entregar a própria vida pela Humanidade, um verdadeiro cordeiro de Deus. Esta tese foi avaliada pela Igreja por mais de três séculos, até chegar à definição de que o martírio poderia ser “um chamado especial” de Deus.

A morte de Jesus Cristo poderia ser considerada um suicídio altruísta na classificação do sociólogo francês Émile Durkheim (1858 - 1917), por ter sido um instrumento de salvação da Humanidade. Nesse sentido, pode-se pensar na possibilidade do suicídio como condenação e imputação de culpa irremediável ao outro. Analisado no contexto homem-Deus e redenção, o suicídio de Jesus revelaria, de fato, uma outra significação e dimensão, que outros tipos de suicídio não tem. Mas a ambiguidade permanece.

4.1.3 *Mulher/Homem bomba*

“O homem contemporâneo, além de participar do processo de multiplicação e modernização de armas autodestrutivas, tem utilizado a vida humana como nova

categoria de arma de destruição conhecida como os homens e mulheres bomba” (CAMARGO, 2007, p.28). Nesta passagem, a autora Valéria Camargo que escreveu a dissertação “Matar-se em nome de Deus. Uma análise do suicídio praticado pelos homens e mulheres bomba no Islamismo” (2007), procura contextualizar o fenômeno de homens e mulheres que através dos próprios corpos são capazes de explodir e machucar muitas outras pessoas, em nome do Islamismo e das pautas relacionadas.

Nessa lógica, é importante pontuar que o suicídio pode ser valorizado também porque há a crença de que aqueles que se dispuserem a isso, serão recompensados, ou pelo menos, terão a total reparação da culpa que carregam em vida. O suicídio vem, portanto, com a possibilidade de sedimentar um posicionamento, representar o seu país ou a sua religião e ainda poder traçar possibilidades para que essas pessoas sejam perdoadas e/ou reconhecidas pelo que fizeram com o seu existir.

A prática deste tipo de suicídio revela elementos que atravessam as mais diversas esferas humanas, com uma complexidade extremamente relevante. A autora coloca que, apesar da morte ser um fato universal e presente em todas as realidades culturais, a presença da religião traz uma outra compreensão acerca da maneira como essas pessoas escolhem morrer. A atual situação do suicídio, introduzida à problemática do Islamismo, adicionou uma nova categoria de armas de destruição, para além das diversas modalidades de armamentos bélicos. Ela acrescenta que ainda que a definição de suicídio altruísta (DURKHEIM, 2000) se aproxime desta modalidade de decisão, o fato de, também, cometer o homicídio de muitas outras pessoas acarreta em uma obscuridade a esta visão, “fenômeno extremamente complexo, de múltiplas motivações e sujeitos às mais variadas interpretações” (CAMARGO, 2007, p.145).

Para o Islamismo, como crença religiosa, o suicídio não é legítimo. Não há, contudo, ao contrário de várias outras religiões, reprovação explícita ao suicídio no Alcorão (livro sagrado da religião islâmica). No entanto alguns precedentes relacionados à prática podem ser considerados, como no caso dos homens e mulheres bomba nos quais a não condenação é o que torna possível que o respaldo legal continue a incentivar essa atividade (CAMARGO, 2007, p. 48).

A partir de algumas leituras realizadas no âmbito da religião islâmica e do suicídio (de maneira a não contemplar toda a literatura disponível acerca) tendo como base autores não muçulmanos é possível perceber que há diferentes

constatações acerca do fenômeno, há aqueles que o considerem terrorismo, suicídio terrorista ou tática terrorista (CAMARGO, 2007, p.124), também por estar conectado a grupos e movimentos considerados extremistas como Al Qaeda, Hezbollah, Jihad Islâmica, entre outros (CAMARGO, 2007, p.144). Assim como, há aqueles que se colocam contra a prática mas conseguem compreendê-la através de motivos socioeconômicos e culturais como a pobreza, resistência, salvação da cultura e da humanidade.

Nas conclusões, Camargo (2007) aborda que o ato de homens e mulheres bombas não pode ser visto apenas pelo entendimento altruísta, porque ele está inserido em uma trama complexa de significados que envolvem o cenário político, cultural, religioso, de luta entre países opressores e oprimidos. Ou seja, ainda que haja muitas respostas para várias das perguntas que surgem com a ocorrência desse fenômeno, nenhuma delas é capaz de determinar o fenômeno com tamanha simplicidade, justamente por ele não se apresentar isoladamente (não é “só” em nome de Deus, nem apenas por motivos políticos). Não se trata de olhar para o fenômeno de maneira a separar as variáveis mas sim de sempre procurar entendê-lo a partir das mais diversas perspectivas.

Nesta diversidade de modos de agir, o ser humano, embora tenha a morte no horizonte de possibilidades que acompanham aquela decisão não a destaca como uma parede intransponível que o impede de atuar, mas, ao contrário, recorta nesse conjunto de inúmeras possibilidades o que dá sentido em sua existência. Daí vemos muitos seres humanos serem homenageados como heróis, heróis que sobreviveram ou heróis que morreram, para que o outro, ou seu ideal, pudesse continuar a viver, que tivesse mais tempo de vida.
(TEIXEIRA, 2018, p.38)

4.2 - Opção pela morte em vista da ausência de sentido

Como já foi mencionado anteriormente, a morte pode estar imbuída por inúmeras categorias e valores, a depender da sociedade, do intervalo histórico, do espaço. Tendo isso em vista, busca-se articular a visão do suicídio que leve em consideração que, sendo, o ser-aí tem a possibilidade de escolher - e essa escolha

pode incluir a ausência de sentido. Isso quer dizer que, que o que mais faz sentido pode ser o não mais existir.

É essencial começar essa discussão com a clareza de que a opção pela morte como sustentação de um posicionamento, ou como ato altruísta ou pela ausência de sentido, não torna uma razão excludente da outra. Nenhuma forma de suicídio é acreditada por ser motivada por apenas uma razão, ele é um fenômeno que se apresenta sempre com motivações múltiplas.

Nesse sentido, a proposta é procurar compreender a maneira como o fenômeno do suicídio se apresenta nas situações em que a pessoa opta por isso, tendo como base que essa pode ser a escolha que faça mais sentido para o significado que configura a vida daquele ser naquele momento. Em “Suicídio: entre viver ou morrer”, Feijoo reconhece “que instantaneamente a morte pode aparecer como um sentido possível para a vida (FEIJOO, 2018, p.87).

No contexto social econômico exemplificado no capítulo 2, pode-se perceber que a pós-modernidade neoliberal se configura como uma época que não é capaz de acolher muitos fenômenos, sendo um deles, o suicídio em sua vasta complexidade, isso por ser entendido também como um atravessamento desse entendimento econômico que se pauta na tentativa de barrar o que é impossível de ser barrado (a morte). Acaba se utilizando da “instrumentalização da culpa como forma de operar para contemplar o suicídio” (FEIJOO, 2018, p.162), justamente por não ser capaz de acolher a imprevisibilidade que o ato de pôr fim carrega em seu bojo.

Nesse sentido, não há espaço para que o sofrimento de cada um se apresente em sua individualidade e em outras palavras, a pessoa deixa de ser reconhecida por quem foi em vida pela maneira como e quando decidiu viver a sua morte. Nesse sentido, Teixeira em sua obra “A visão do suicídio a partir do ser-no-mundo” assinala que “o sentido do homem não é sua historicidade, mas destina-se a ela, já que, no seu fim, se transforma exatamente nela, fulano foi um suicida” (TEIXEIRA, 2018, p.58). Essa passagem demonstra como a maneira pela qual a pessoa decide encerrar sua vida tem influência no que a pessoa foi em vida, o seu existir fica fadado por julgamentos de valor.

É também uma características dos tempos pós-modernos, procurar sempre atingir a perfeição em tudo que se propõe a fazer, isso porque a globalização tornou os meios de comunicação completamente democratizados e a informação é rapidamente acessada de qualquer lugar do mundo. Algumas teorias

contemporâneas discorrem sobre a maneira como o ser humano experiencia sua vida e sobre como pode contar com alguns pontos de apoio ao longo do caminho, como a própria religião. Isso é importante de ser dito porque o suicídio não é algo apenas pontual, ele é um processo. Processo este constituído de momentos de pensar sobre si próprio e sobre como se está sendo. Ao longo do tempo, aqueles pontos de apoio, sejam a religião ou a própria ocupação, acabam sendo importantes nessas fases da vida.

É primordial que no centro da análise do ser-aí esteja sua condição natural, que transcende, por ser justamente um ser de sentido (aberto ao ser). Sendo ele transcendência, o suicídio é uma possibilidade em aberto. Superando as questões morais, legais e religiosas o suicídio enquanto tal, constitui uma opção do ser-aí. O que está em jogo na nossa análise refere-se justamente ao âmbito dessa escolha/opção. Na nossa abertura, o mundo vem ao encontro e nesse encontro, há modificação. Isso quer dizer que o ser humano está sendo e enquanto for, pode sempre vir a ser ou deixar de ser.

Sabemos pela ontologia de Heidegger que o apropriar-se de uma escolha, ou seja, o ser-si-mesmo-próprio é um âmbito a ser conquistado, sair da impessoalidade para recortar um sentido próprio para sua existência. Segundo Binswanger no caso clínico Ellen West, mesmo em face de uma patologia, portanto de uma restrição evidente da sua anorexia nervosa o autor reconheceu o seu suicídio como uma escolha autêntica. Aqueles que hoje procuram uma morte assistida, por reconhecerem os seus limites e os limites de um quadro progressivo, decidem pela morte sem esperar que ela aconteça. Outro exemplo seria o suicídio pela desonra muito realizado na cultura japonesa, que acaba por consistir naquela cultura por uma condição de insuportável convívio com os outros, uma espécie de vergonha que os colocariam à margem da existência – não pertencimento para ele para a sua família. O suicídio nesse sentido também adquire o caráter de reparação de resgate e do testemunho de uma escolha ilícita e desonrosa - dentro da mentalidade de uma cultura, que também pode ser entendida como pertencente ao impessoal sedimentado, que acaba por facilitar esse distanciamento em relação a nós mesmos.

Há suicídios que podem ser considerados imprevistos, a pessoa quer machucar-se, como se vê hoje muito frequentemente nos cortes e incisões no corpo, cujo propósito não é morrer, talvez ter uma experiencia de dor face a angústia, a experiencia do nada. Mas nessas ações o cidadão pode morrer sem o desejar. Os

atos impulsivos, desmedidos também entram nesse horizonte de uma condição em que não houve a escolha efetiva pela morte, pelo menos, não pelo que se apresenta naquele momento.

Propõe-se também, nesse sentido, questionar qual seria o sentido da vida, também indagando se a vida espera algo de si para além de questionar o que cada um de nós espera dela. Nesse sentido não seria coerente refletir sobre um sentido de vida que não incluía propriamente o morrer. O livro “A visão do suicídio a partir de um ser-no-mundo” (2019) coloca esse cenário em pauta: “A nós, o que nos interessava era o sentido da vida como uma totalidade que inclui também a morte, e portanto, não corresponde apenas ao sentido da “vida, mas também, ao sentido do viver e do morrer” (TEIXEIRA, 2018, p.64). Levando em consideração que a morte é um acontecimento da vida, faz parte do cuidar do ser saber que ele tem uma finitude e por isso, um limite. Pensar a morte é pensar a vida.

É essencial insistir que o mundo não é, ele é como cada um o sente e o experiencia. Isso quer dizer, mais uma vez, que a vida é também apenas da maneira como cada um a vive, então não faria sentido falar em apenas uma morte ou um único suicídio. Não existe uma boa morte, não existe um momento certo para morrer, não tem fundamento crer que uma outra pessoa vá saber quando e como é o momento certo para morrer, que não a própria, quando assim for desejo dela.

Acredita-se que grande parte do ressentimento sobre o suicídio relaciona-se ao fato de que há a idealização sobre quem o suicida poderia ter sido, para além de quem já havia sido. Acontece que no momento no qual as pessoas perdem alguém querido por suicídio, a pessoa parece deixar de ser quem foi, se tornando apenas o suicida e a pessoa que trouxe a sensação de fim da vida também para algumas outras próximas que ficaram¹⁷.

Deste modo, tudo o que está sendo, apesar de estar sendo o que pode ser, nunca é o todo que pode ser, pois, se assim fosse, não se daria um passo, como também não haveria nada que nos ameaçasse, a falta ou a dívida não fariam sentido, não haveria a voz da consciência que apela, por um poder ser si-mesmo, que pode ser notado no espaço terapêutico com uma pessoa vinda de uma tentativa de suicídio, ou mesmo da tentativa ou do suicídio de um pai ou de um filho (TEIXEIRA, 2018, p.117).

¹⁷ Centro de valorização à vida - Grupo de Apoio aos Sobreviventes do Suicídio
<https://www.cvv.org.br/blog/tags/gass-cvv/>

A morte, para essas que escolheram morrer, pode ser libertadora no sentido de se acessar a possibilidade que parece mais correta para aquela existência, para aquele ser-aí. Libertadora de sofrimento, de angústia, da sensação de se estar perdido, do sentimento de não saber mais o que fazer com a responsabilidade da própria vida. O livro “Heidegger Urgente” (2013), coloca nesse sentido que: “como poder-ser, ele é essas mesmas possibilidades (Heidegger dá a isso o nome de Zu-Sein: para ser), inclusive a mais extrema de todas elas: a possibilidade da impossibilidade, de não atender seu poder-ser, também de deixar de ser, ser-para-a-morte, outra determinação originária do ser-o-aí” (GIACOIA, 2013, p.72).

Existir no mundo significa cuidar de poder ser no mundo, ou seja, é se responsabilizar, no mínimo, pela própria existência. No mínimo porque, como mencionado acima, o mundo não deixa espaço para pessoas que não assumam a responsabilidade da própria vida, mas também dessa vida em uma sociedade com requerimentos e demandas, como a que se vive hoje. Essa passagem do livro “Suicídio. Entre o viver e o morrer” de Erich Fromm, explicita um pouco da relação do ser humano com o tempo: “Homem moderno pensa perder algo - tempo - ao não fazer as coisas rapidamente. Ainda sim não sabe o que fazer com o tempo que ganhou - exceto matá-lo” (FEIJOO, 2018, p.32).

A concepção de suicídio aqui defendida leva em consideração que enquanto seres humanos, somos seres no mundo, e por isso, estamos, invariavelmente, sujeitos à uma vida inautêntica, na qual nem todas as nossas escolhas estão alinhadas com o que realmente se deseja, como “Heidegger urgente” (2013) defende: “é no mundo que o ser-o-aí pode ser como um si próprio ou não ser como um si próprio, permanecendo na autenticidade” (GIACOIA, 2013, p.72). A vida em sociedade também traz isso. Essa inautenticidade, ainda que muitas vezes seja o motivo pelo qual as pessoas consigam ser-com-outras, pode levar a pessoa a experimentar o vazio existencial e a falta de sentido para a vida, “existir significa, em sentido radical, (...) ser-com-os-outros”. (GIACOIA, 2013, p.74).

Assim afastado do seu fim, desenraizado de sua origem, o homem caminha distraído no impessoal, coloca seus projetos em coisas com um nível de satisfação rápida, distancia-se da “atitude natural”, onde as coisas podem ser o que são, mas relaciona-se, de início e na maior parte das vezes, com as coisas na lógica da ocupação, onde o vento serve para mover o moinho, ou para velejar, o sol para bronzear e onde acabamos no sofrimento de alguns surfistas que, na

expectativa por uma onda, acabam perdendo o mar, por não verem as coisas em si mesmas. (TEIXEIRA, 2018, p.59)

Sob este entendimento, é pertinente pensar na ação de pôr fim à vida como o que uma pessoa pode buscar quando já não faz sentido procurar *voltar a ser* algo que não se adequa ao que a existência daquele ser-aí é naquele momento, “limitação da possibilidade de ser-no-mundo e o peso de ser o que não se quer ser” (FEIJOO, 2018, p.94). O seu projeto de existência está na sua destruição, o de não mais existir. Ele escolhe tal situação porque ele é um ser livre para escolher. O ser-aí percebe onde se encontra presente a vida como um todo (TEIXEIRA, 2018, p.64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O horizonte do trabalho se propôs a analisar possíveis sentidos para o suicídio. Isto foi realizado levando-se em consideração como o fenômeno é tido na sociedade, como a literatura e as publicações científicas produzem conhecimento acerca, como o tempo e o espaço são responsáveis pelas diferentes conotações que o conceito carrega, como ele pode ser alocado legalmente nos termos das leis e até mesmo, transmutado a partir disso.

Como foi possível perceber ao longo do trabalho, é importante apontar aqui para a complexidade do fenômeno justamente por carregar, muitas vezes, a imprevisibilidade, e por estar tão conectado à algo tido como bem supremo da humanidade, em diferentes momentos históricos. É inestimável que seja compreendido que não havia o intento aqui de procurar delinear questões como a prevenção, a previsão e o controle.

O aumento significativo de publicações científicas demonstra que é um tema que ainda tem muito potencial para ser estudado e pesquisado para além das premissas normatizadas, e também “destaca uma precariedade de centros para atendimento especializados, com profissionais capacitados para o atendimento e manejo de situações de suicídio” (FEIJOO, 2018, p.130).

Os recursos econômicos e humanos dispensados para a saúde ainda se mostram aquém do que se faz necessário para um serviço básico na saúde, com profissionais capacitados para identificar e intervir diante de um atendimento emergencial e de acompanhamento nos casos que envolvem tentativa ou realização de suicídio (FEIJOO, 2018, p.130).

É importante mencionar que essa falta de preparo e de conhecimento por parte dos profissionais da saúde, acabam por contribuir para a manutenção da moralização do suicídio (TEIXEIRA, 2018, p.131). Inclusive, a discriminação, negação do ato e indiferença que são fundadas por e fundam preconceitos, acabam também por criar realidades que cegam e ferem, como a de que, quem tem o desejo de morrer, não necessita e nem merece tratamento (TEIXEIRA, 2018, p.132).

Considera-se também que não se trata de achar uma única resposta, até porque “o porque as pessoas cometem suicídio pode estar sendo levado com elas (TEIXEIRA, 2018, p.121), mas sim, de procurar compreender que para além de cada

morte individual, todas elas - sejam por suicídio ou não - trazem “a tona algo sobre a sociedade em que acontece (NETTO, Berenchtein, 2013, p.17 *apud* FEIJOO, 2018, p.133).

Tendo em vista uma vida na qual as pessoas sintam-se livres para pensar o seu existir, é necessário que o olhar a ela voltado, seja sempre disposto a reconhecer, de fato, a vida que se vive, as experiências que se têm, por onde se anda, com quem se é. Pensar o ser-aí sempre conectado ao seu ser-com-os-outros, porque sendo, não existe outra maneira de ser.

A escolha por morrer - como e quando quiser - pode estar também conectada a um olhar generoso com o desejo: “morrer bem é fugir do perigo de viver mal” (FEIJOO, 2018, p.118). Isso corrobora com a finalidade desse trabalho porque coloca em perspectiva a visão do mundo, como histórico.

O livro “A visão do suicídio a partir do ser-no-mundo” (2018) traz uma passagem de Martins (2007), na qual ele afirma que “o ser para a morte vive uma impossibilidade ôntica de experimentar o *Dasein* como totalidade” (MARTINS, 2007, p.265-285 *apud* TEIXEIRA, 2018, p.116). Ele deve não apenas se responsabilizar por isso e cuidar do seu existir, mas também aceitar que faz parte do que o constitui enquanto *Dasein*, que ele protagonize suas escolhas. Isso pode incluir a escolha de morrer, porque nesta, mais do que em qualquer outra, fica evidente que só se deixa de ser, aquilo que é.

Ao considerar ser essa uma revisão bibliográfica com limites muito bem delineados e com inúmeras interfaces de interesse, há espaço para que futuras pesquisas sejam realizadas com intuito de procurar compreender outras dimensões do ato de pôr fim à vida. Inclusive, poderia ser pertinente procurar realizar uma conexão com a prática clínica e portanto, investigar pacientes que possam já terem tido ideações ou até mesmo, ações com esse propósito.

A necessidade de futuras pesquisas é salientada por aspectos que contribuem para a incidência do fenômeno, como por exemplo, características relacionadas, à idade no caso da velhice, como isolamento social do idoso ou falta de proximidade com a família, também nos jovens, a competição excessiva e dar conta do excesso de exigências e performance requerida em todos os níveis bem como dependência dos pais ou até em todas as idades, o desemprego. O fato das relações se fragilizarem em uma cidade grande também pode ser aspecto contribuinte nesse sentido.

É importante frisar que, ainda que esse trabalho responda aos questionamentos inicialmente postos, ele coloca-se como um elemento agregador ao que já há de conteúdo nesta área e por ser uma temática extremamente complexa e multifacetada, há ainda inúmeras análises potenciais.

Além de compreender o enorme encargo de ser si mesmo, também foi possível conectar tal fato à aceitação de que enquanto se é, é mais simples aceitar a falta e o inacabamento, porque ainda que isso paralise, também mobiliza e dá esperança, joga para o futuro.

Por fim, um dos grandes intentos do trabalho era procurar compreender alguns dos sentidos do fenômeno do suicídio e ainda que este seja um grande propósito, foi realizado a partir de caminhos variados que mostram que, entre outras coisas, tudo que é, só é comparado ao que não é. E por isso, é importante aludir, mais uma vez, ao suicídio como passível de entendimento através de diferentes ângulos que apontam para diferentes caminhos. Foi possível transitar pelas possibilidades da apresentação do fenômeno como uma resposta aos estabelecimentos normativos de cada sociedade, como a resolução do que parece ter sido uma vida sem sentido ou de uma vida que na qual o sentido se ausentou.

Finalmente, é impreterível que se estabeleça muito claramente o fenômeno do suicídio como uma das inúmeras possibilidades autênticas com as quais uma existência pode ser vivida, contrariando grande parte do que é discutido a respeito do ato de pôr fim à vida e legitimando a possibilidade de escolha da qual cada um de nós dispõe em nossa condição.

8. REFERÊNCIAS

8.1 Livros

ASNIS, N; WERLANG, B.S.G. **Aspectos Psicodinâmicos do Terrorismo Religioso**. Temas em Psicologia Clínica. 2006. p.86-94.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Editora Zahar, Rio de Janeiro: 2007.

BOTEGA, Neury José. **Crise suicida**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

DAPIEVE, Arthur. **Morreu na contramão. O suicídio como notícia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

DICHTCHEKENIAN, M.F.S.F.B. **Vida e Morte: Ensaio Fenomenológicos**. Centro de Estudos Fenomenológicos de São Paulo. São Paulo, 1988.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martin Fontes, 2000.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo. **Suicídio. Entre o morrer e o viver. Desmoralizando o suicídio na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: IFEN, 2018.

GIACOIA, O. J. **Heidegger Urgente: Introdução a um novo pensar**. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2013.

GLADWELL, Malcolm. **O ponto da virada**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

HEIDEGGER, Martin. (1927). **Ser e Tempo**. 10ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HEIDEGGER, Martin. (1927). **Ser e Tempo**. 10ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

KLÜBLER-ROSS, Elisabeth; MENEZES, Paulo. **Sobre a morte e o morrer**. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TEIXEIRA, Carlos Henrique Martins. **A visão do suicídio a partir do ser no mundo: uma abordagem fenomenológica-existencial**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

VARELLA, Drauzio. **Por um fio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

8.2 Artigos

CAMPOS, Karley. O suicídio na abordagem Existencial Fenomenológica. **De um curso a um discurso** - Revista do Curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva. Fevereiro. 2013.

CUMAN, G; GASTMANS, C. Minors and Euthanasia: a systematic review of argument-based ethics literature. **European Journal Pediatrics**. v. 176, n. 7, p.837-847. Julho. 2017.

DUTRA, Elza. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. **Revista da Abordagem Gestáltica**. Goiânia. v. 17, n. 2. Dezembro. 2011.

HSIEH, Ning. A global perspective on Religious Participation and Suicide. **Journal of Health and Social Behavior**. v. 58, n. 3, p.322-339. Setembro. 2017.

LOSSIGNOL, D. Euthanasia 2002-2014: The situation in Belgium. **Revue des Maladies Respiratoires**. v. 33, n. 8, p.692-701.

REED, P. Is Aid in dying suicide? **Theor Med Bioeth**. 40(2), p.129-139. Abril. 2019.

SILVA, Karina de Fátima A.; ALVES, Mariany A.; COUTO, Daniela Paula. Suicídio: uma escolha existencial frente ao desespero humano. **Pretextos** - Revista da

Graduação em Psicologia da PUC Minas. Minas Gerais, v. 1, n. 2, p.185-203. Dezembro. 2016.

8.3 Teses

ASNIS, N. **Suicídio e Islamismo: Um olhar psicanalítico**. Rio Grande do Sul, 2007. 107 p. Tese para obtenção do Grau de Doutor em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

CAMARGO, Vera Lucia. **Matar-se em nome de Deus. Uma análise do suicídio praticado pelos homens e pelas mulheres Bombas no Islamismo**. São Paulo, 2007. 154 p. Dissertação para obtenção do título de mestre em Ciências da Religião - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/2022/1/Valeria.pdf>

8.4 Aulas

Aulas ministradas pelo professor Marcelo Sodelli na Eletiva Fenomenologia do Suicídio, em 2018.

8.5 Sites

Associação Brasileira de Estudos e Prevenção de suicídio. Disponível em: <https://www.abeps.org.br/> - acessado em 03 de Maio de 2019.

Associação Brasileira de Normas e Técnicas. Disponível em: <https://www.usjt.br/arq.urb/arquivos/abntnabr6023.pdf> - acessado em 19 de Maio de 2019.

BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513> - acessado em 03 de Março de 2019.

Centro de valorização à vida. - Grupo de Apoio aos Sobreviventes do Suicídio. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/blog/tags/gass-cvv/> - acessado em 20 de Maio de 2019.

JUSBRASIL. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/busca?q=Suic%C3%ADdio> - acessado em 20 de Março de 2019.

Ministério da Saúde. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/29691-taxa-de-suicidio-e-maior-em-idosos-com-mais-de-70-anos> - acessado em 03 de Maio de 2019.

Nações Unidas Brasil. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/> - acessado em 19 de Maio de 2019.

“O suicídio”. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/787916/mod_resource/content/1/4.2%20-%20DURKHEIM%2C%20E.%20-%20O%20Suic%C3%ADdio%20-%20Cap.3.pdf - acessado em 19 de Maio de 2019.

Planalto do governo. Casa Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm - acessado em 25 de Maio de 2019.

World Population Review: Suicide Rate By Country 2019. Disponível em: <http://worldpopulationreview.com/countries/suicide-rate-by-country/> - acessado em 30 de Abril de 2019.

9. ANEXOS

9.1 Tabelas

País	Taxa bruta de suicídio	Ordem
Lituânia	31.9 suicides per 100k	1
Rússia	31 suicides per 100k	2
Guiana	29.2 suicides per 100k	3
Coreia do Sul	26.9 suicides per 100k	4
Bielorússia	26.2 suicides per 100k	5
Suriname	22.8 suicides per 100k	6
Cazaquistão	22.5 suicides per 100k	7
Ucrânia	22.4 suicides per 100k	8
Letônia	21.2 suicides per 100k	10
Lesoto	21.2 suicides per 100k	9
Bélgica	20.7 suicides per 100k	11
Hungria	19.1 suicides per 100k	12
Eslovênia	18.6 suicides per 100k	13
Japão	18.5 suicides per 100k	14

Uruguai	18.4 suicides per 100k	15
Estônia	17.8 suicides per 100k	16
França	17.7 suicides per 100k	17
Suíça	17.2 suicides per 100k	18
Croácia	16.5 suicides per 100k	19
Guiné Equatorial	16.4 suicides per 100k	20
Índia	16.3 suicides per 100k	21
Polônia	16.2 suicides per 100k	22
Moldávia	15.9 suicides per 100k	24
Finlândia	15.9 suicides per 100k	23
Sérvia	15.6 suicides per 100k	26
Áustria	15.6 suicides per 100k	25
Estados Unidos	15.3 suicides per 100k	27
Suécia	14.8 suicides per 100k	28
Sri Lanka	14.6 suicides per 100k	29
Tailândia	14.4 suicides per 100k	31
Kiribati	14.4 suicides per 100k	30

Portugal	14 suicides per 100k	33
Islândia	14 suicides per 100k	32
Cuba	13.9 suicides per 100k	34
El Salvador	13.7 suicides per 100k	35
Trindade e Tobago	13.6 suicides per 100k	37
Alemanha	13.6 suicides per 100k	36
Luxemburgo	13.5 suicides per 100k	38
Austrália	13.2 suicides per 100k	39
Mongólia	13 suicides per 100k	40
Eslováquia	12.8 suicides per 100k	42
Dinamarca	12.8 suicides per 100k	41
Holanda	12.6 suicides per 100k	43
Canadá	12.5 suicides per 100k	44
Noruega	12.2 suicides per 100k	48
Nicarágua	12.2 suicides per 100k	47
Camarões	12.2 suicides per 100k	46
Bolívia	12.2 suicides per 100k	45

Nova Zelândia	12.1 suicides per 100k	49
Haiti	11.7 suicides per 100k	50
Brasil	6.5 suicides per 100k	106
